



3

CADERNO DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

%

4

2

7

3

***CADERNO
DE EDUCAÇÃO
FINANCEIRA***





Na escola existe uma diversidade de contextos e espaços de aprendizagem que se complementam, desde as disciplinas e as áreas disciplinares a espaços de natureza interdisciplinar mobilizadores de literacias diversas e promotores da curiosidade intelectual, do espírito crítico e interventivo, da criatividade e do trabalho colaborativo, que desafiam os alunos a mais e melhores aprendizagens.

Convidamos-te, através deste **Caderno de Educação Financeira**, a conhecer as aventuras dinamizadas por alunos do 3.º ciclo do ensino básico que, de forma criativa, colaborativa e aliciante, te dão a possibilidade de aprenderes novas matérias ou aprofundar temas que já conheces como, por exemplo, planeamento e gestão do orçamento, poupança e suas aplicações, crédito, seguros, sistema financeiro e, ainda, te incentiva a desenvolver comportamentos financeiros adequados.

SOMOS UM GRUPO FIXE, PRONTO PARA GRANDES AVENTURAS.

Texto de Maria da Conceição Vicente



TOMÁS E CLARA

Nós somos os manos Moedas, Clara e Tomás. Saber lidar com o dinheiro é nossa preocupação. Os nossos mestres? Pais, avós e professores, é claro! Já nos ensinaram muita coisa, mas queremos aprender muito mais. Temos um projeto novo e... afinal não queremos desacreditar o nosso nome: não somos nós a família Moedas?

Eu sou o Rodrigo.
Precisam de ideias, muitas e boas?
Venham ter comigo. Mas dinheiro para as pôr em prática... aqui estou eu para aprender convosco como se consegue!



RODRIGO



INÊS

Não se preocupem!
Eu, a vossa amiga Inês, não faço nada sem pensar. Por isso, ideias, aventuras só com os pés na terra. Compras? Projetos? – Só depois de aprovados pelos pais e com planos de poupança bem pensados.



MÁRCIA

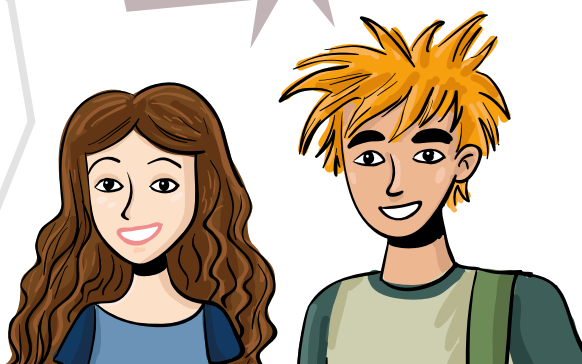
Sou a Márcia e adoro projetos. Mas faço muitos castelos no ar, por isso, quando se trata de contas, tenho ainda tanto para aprender!...

Somos seis, mas há sempre lugar para mais um.
Vem daí connosco. Só tens de entrar neste caderno e alinhar no nosso projeto.



VASCO

Sou novo no grupo. Chamo-me Vasco e sei muito pouco de finanças. Prometo aventura em troca de conselhos financeiros. Não é para isso que servem os amigos: trocar experiências?



1.

ORÇAMENTO FAMILIAR



CONTAS SÃO CONTAS

Texto de Maria da Conceição Vicente

Quando a mãe chamou para a mesa, Clara saiu imediatamente do quarto para vir jantar.

– Muito bem! – exclamou o pai Rui. – Hoje a Clarinha não se fez esperar. Está a ficar crescida.

– Não está nada, pai – comentou o Tomás, que acabava de pôr a mesa. – Isto é só porque o ano letivo está a começar e ainda estamos cheios de vontade de fazer tudo certinho. Daqui a uns tempos...

– Hoje, depois do almoço, o pessoal esteve todo reunido no bar da escola... – começou a Clara, ignorando a conversa de quem estava à roda da mesa.

– O pessoal?... E pode saber-se quem é o pessoal? – perguntou a mãe, sem conseguir disfarçar uma pontinha de preocupação.

– Claro, mãe. É o meu grupo. São da minha turma desde o 5.º ano e conhece-os todos: o Rodrigo, a Márcia e a Inês.

A serenidade voltou ao rosto da mãe Catarina e o pai Rui, também mais tranquilo, não pôde deixar de comentar:

– Então a Clara já tem “um grupo”! Pois é, Catarina, esquecemo-nos de que a nossa filha já está no 9.º ano, está a sair da casca...

– Mas temos um amigo novo...

– Ah! Tens um amigo, novo!... – interrompeu o Tomás.

– ... que veio de Bragança, não conhecia ninguém e andava por lá perdido pelos corredores...

– ...estou a perceber! Já vi o filme todo...

– Cala-te, Tomás, tu também tens uma colega nova na tua turma... **que eu sei!**...

O Tomás calou-se de imediato. Percebeu a mensagem e a resposta ficou escrita a vermelho nas maçãs do rosto. Os pais entreolharam-se, habituados que estão a ler nas entrelinhas das conversas dos filhos.

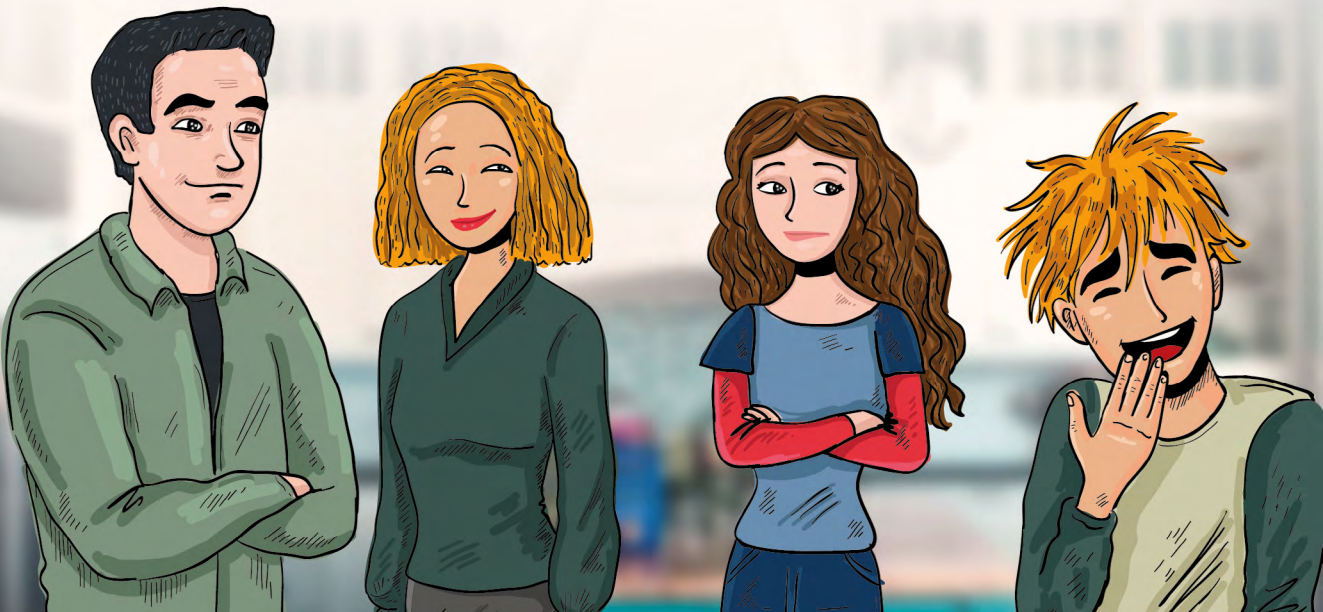
– Chama-se Vasco... e é escuteiro. Costuma fazer saídas de campo...

– Estou mesmo a ver! Conquistou-vos com as suas aventuras... e então as meninas... faço ideia! – comentou o pai Rui.

– Por acaso ele conta histórias muito giras... e deixou-nos com vontade de acampar... mas não no meio do campo, que eu tenho medo de aranhas, sardaniscas e bichos que tais!

– Queres um parque de campismo forrado a alcatifa... – tentativa falhada do Tomás para entrar na conversa.

– Mas sabes, pai? Sabes, mãe? Estivemos a combinar umas cenas...



– Ui! O que é que virá por aí?! – dúvida do pai, sublinhada pela mãe.

– Decidimos que íamos pedir aos pais para nos deixarem acampar uma semana na praia, no próximo verão... Achamos que as viagens de finalistas não têm graça nenhuma... toda a gente faz... e queríamos uma coisa diferente. E como o Vasco já tem experiência e contou tantas histórias, lembrámo-nos do campismo. Mas pensámos em tudo, pai; de maneira muito responsável, mãe. Ora escutem: nós sabemos que os pais não nos vão deixar ir sozinhos, sozinhos... Sabemos que vão exigir que haja adultos por perto para nos vigiarem. Mas, ora vejam só a sorte: os avós da Inês têm casa na praia e passam lá todo o verão; o professor José Vaz, de Educação Física, logo que começam as férias também vai para lá, para o parque de campismo, porque dá aulas de natação... E não digam já que ele não está para nos aturar, porque é mentira: ele é nosso diretor de turma desde o 7.º ano, já nos acompanhou muitas vezes, gosta muito de nós... somos quase filhos dele...

– Ó Clara – interrompeu o Tomás –, tu pareces a D. Maricotas, aquela avestruz da história que a avó Alice nos contava para adormecer. A avestruz tinha engolido uma grafonola e quando abria o bico nunca mais acabava a música. Tu não engoliste a grafonola, mas parece que engoliste um televisor na hora do noticiário... Vê se paras um bocadinho para nós respirarmos.

– ... E ele também faz *surf*... e podia ensinar-nos.

– Então também quero ir... e afinal eu também já estou no 8.º ano, não sou muito mais novo que vocês. Lá por serem finalistas... – disse o Tomás. – E quero uma prancha de *surf*! – acrescentou.

– Tu? Primeiro: cresce e aparece; segundo: lembra-te do que diz o avô Bernardo: “*querer e ter não estão na mesma entrada do dicionário*”! – respondeu a Clara, que logo acrescentou: – Mas, pensando melhor, tu até podes dar jeito: montas a tenda, lavas a louça, pões toalhas a secar... Vou pensar no teu caso.

A conversa acerca da inclusão do Tomás no grupo continuou em clima de boa disposição,

até que a mãe Catarina desviou o rumo, a fim de procurar que os filhos parassem de fazer castelos no ar:

– Olha lá, Clara, isso não será um capricho vosso, uma decisão em cima do joelho, só porque tens um amigo que vos quer atrair para novas aventuras?

– Decisões mal pensadas arrastam despesas por impulso – acrescentou o pai. – Já falámos nisso várias vezes: gasta-se dinheiro em coisas que podem levar a um prazer imediato, mas que se põem de parte logo que passa o entusiasmo.

– Já pensaste no material que têm de comprar para usar só num ano? – continuou a mãe.

– Nada disso, mãe. Primeiro: bens não duradouros, não precisamos de muitos...

– Pelo menos não te esqueças de um repelente para os mosquitos. Não é barato e dura pouco! – comentou o pai, em tom de brincadeira.

– ... quase tudo o que nós comprarmos são bens duradouros, que podemos voltar a usar sempre que quisermos; segundo: vamos ter muitas oportunidades de usar. De certeza que vamos adorar a experiência e vamos continuar a fazer férias juntos e ao ar livre. Além disso, não há nenhum de nós que não queira, mais tarde, fazer o *interrail*. E, assim, já temos a mochila carregada. É só pôr às costas... só falta a parte mais importante: o **dinheiro** – concluiu a Clara, quase em surdina, como quem pressente tempestade iminente.

– Ah! Ainda bem que essa parte da conversa não foi esquecida – disse o pai –, porque é absolutamente fundamental.

– Ó pai, eu sempre vos vi a fazer contas, por isso não me ia esquecer do capítulo “finanças”.

– Ainda bem – comentou a mãe –, porque “**contas são contas**” e as nossas para este ano têm de ser muito bem pensadas. Como o pai vai passar a trabalhar em casa durante uma parte do dia, é urgente arranjarmos um espaço de trabalho e queremos transformar o sótão – que agora só serve para acumular velharias –, num espaço amplo, onde cada um de nós possa ter a sua secretária e o seu cantinho. Para isso temos de fazer obras...

– Mas o pai sempre disse que põe todos os meses algum dinheiro de parte para fazer face a situações várias... umas imprevistas, outras por necessidade... – argumentou a Clara.

– Para **prevenir o risco**: é assim que o pai diz – emendou o Tomás, com ar de entendido no assunto.

– Neste caso, não se trata de uma situação de risco – esclareceu o pai. – Mas é verdade que temos de contar sempre com as incertezas da vida e tentar preveni-las, mantendo um fundo de reserva, ou recorrendo aos seguros, que é um assunto do qual havemos de falar.

– Neste caso é diferente: trata-se de uma necessidade e as obras já estavam nos nossos planos há algum tempo – acrescentou a mãe.

– Só que isso implica repensarmos o nosso **orçamento anual** e, consequentemente, mensal – explicou o pai. – Se vamos gastar uma boa parte das nossas economias, temos de repô-las, até porque há que ter em conta o tal risco de situações imprevisíveis de que falava o Tomás...

– ...portanto em vez de acrescentar despesas, nomeadamente de férias, devemos reduzi-las consideravelmente – rematou a mãe.

– Mas, mãe, tu assim até vais reduzir as despesas de férias connosco. Fazer campismo não é caro e só vamos ter uma semana de férias em vez dos quinze dias habituais... Olha, só tens de nos dar dinheiro para a comida – e em casa também tínhamos de comer... –, para o resto nós vamos arranjar maneira de fazer economias.

– Já tínhamos pensado pedir a vossa colaboração para definirmos as despesas necessárias, sobretudo as de curto prazo, para começarmos a fazer um orçamento em conjunto – informou o pai.

– Eu estou pronto a colaborar – disse o Tomás. – Até podemos fazer um orçamento participativo como se ouve para aí falar nos telejornais e é muito moderno.

– É uma boa ideia – concluiu o pai Rui. – Assim podemos ver o contributo que cada um de nós pode dar para o equilíbrio das finanças domésticas.

– Ó pai, não te preocupes – disse a Clara. – Nós vamos arranjar dinheiro para as férias. E

pensa assim: basta-nos essa semana, não precisamos de mais. Vimos para casa e divertimo-nos por aqui. Portanto, se acharem que não podemos sair mais tempo, como nos outros anos, tudo bem.

– Assim, até podes dispor de mais dinheiro para as obras da casa – acrescentou o Tomás. – E nós vamos fazer os possíveis por reduzir as nossas despesas ao mínimo. Vá lá, pai, deixa-nos já começar a sonhar.

Os pais mantiveram-se uns segundos calados, até que a mãe Catarina quebrou o silêncio:

– Bem, o melhor é nós dormirmos sobre o assunto. *O travesseiro é bom conselheiro*. Amanhã falamos.

– Ó mãe, por favor, não tenhas pesadelos! – exclamou o Tomás.

– Ainda ontem te ouvi dizer à avó “A nossa Clarinha está uma menina muito responsável...”, por isso, mãe, não te esqueças de noite daquilo que pensas de dia.

– Não nos vamos esquecer – rematou o pai Rui. – Até vamos dormir de luz acesa...

Entre risos e beijinhos a conversa só terminou no final do serão.

Logo que o despertador tocou, na manhã seguinte, o Tomás e a Clara correram ao quarto dos pais:

– Então o que é que disse o travesseiro? – perguntaram os dois irmãos, em simultâneo.

– Como *Casa de pais, escola de filhos*... – começou o pai Rui –, vamos fazer convosco como faziam comigo o avô Bernardo e a avó Alice: vamos dar-vos oito dias para **amadurecerem a ideia**...

– ...e se não se tratar de um impulso e o vosso desejo se mantiver, daqui a uma semana falamos e assentamos ideias. Não podemos é comprometer as obras do sótão, que são uma necessidade a curto prazo – concluiu a mãe Catarina.

Não seria esta a resposta mais desejada, mas tanto a Clara como o Tomás sabiam que, quando os pais tomavam uma decisão, não valia a pena argumentarem. E, afinal, tudo estava em aberto... por isso, saíram para a escola ansiosos pela próxima reunião do grupo.

PARAR PARA PENSAR

1. E quero uma prancha de surf!



1.1. Esta exigência do Tomás corresponde à satisfação de um desejo ou de uma necessidade? Justifica a tua resposta.

1.2. De acordo com o sentido do texto, imagina a resposta dada pela mãe a este pedido do Tomás.

1.3. Explica o significado da expressão usada pelo avô Bernardo: *"Querer e ter não estão na mesma entrada do dicionário"*.

2. Como o pai vai passar a trabalhar em casa durante uma parte do dia, temos de fazer obras.



Segundo a opinião da mãe Catarina, as obras no sótão correspondem a uma necessidade, implicando, por isso, uma despesa necessária.

2.1. Preenche as colunas A e B, no quadro apresentado, transcrevendo as despesas da seguinte lista:

Despesas: almoço na escola; transporte; roupa nova para festa de aniversário; material escolar; capa de marca para o telemóvel; equipamento para as aulas de Educação Física; lanche no café; bilhetes para o cinema; mochila para substituir a que se rasgou; aulas de yoga.

A) Despesas necessárias (despesas indispensáveis)	B) Despesas supérfluas (despesas dispensáveis)
• _____ • _____ • _____ • _____ • _____ • _____ • _____ • _____ • _____ • _____	• _____ • _____ • _____ • _____ • _____ • _____ • _____ • _____ • _____ • _____

2.2. Acrescenta, em cada uma das colunas A e B, três despesas familiares que correspondam a cada um dos tipos de despesa apresentados.

3.



É urgente arranjarmos um espaço de trabalho!

Com esta afirmação, a mãe Catarina quis dizer que as obras no sótão eram uma necessidade a curto prazo.

3.1. Apresentamos-te uma lista de necessidades sentidas, geralmente, pela maioria das famílias. Assinala com **C** as necessidades a curto prazo e com **L** as necessidades a longo prazo.

☐ Consertar o esquentador avariado.

☐ Substituir o sofá da sala.

☐ Trocar de carro.

☐ Vacinar o cão, que acabou de ser adotado.

☐ Pintar a casa.

L _____

☐ Substituir dois pneus do carro, que estão em mau estado.

C _____

3.2. Depois de conversares com a tua família, completa a lista acima com mais duas despesas familiares, de acordo com a classificação indicada.

MESA-REDONDA

O pai Rui decidiu aproveitar uma tarde de sábado para programar em conjunto as finanças da família. À volta da secretária, o diálogo foi animado:

Vamos, então, fazer o nosso orçamento para o próximo mês!

Ou seja, em linhas gerais, será necessário o registo das receitas, que são os nossos rendimentos, e das despesas...

... para apurarmos o saldo, que é a diferença entre o valor das receitas e o das despesas.

Ó pai, é preciso estarmos todos para fazer o orçamento?... Tu e a mãe é que controlam o dinheiro...

Mas se todos colaborarmos, o compromisso em cumprir objetivos é muito maior.

Estou de acordo. Além disso, se alguma coisa não nos vier a agradar, não refilamos uns com os outros. Fomos nós que fizemos.

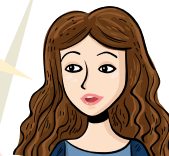
Vamos lá, então, começar por registar o ordenado líquido do pai e da mãe.

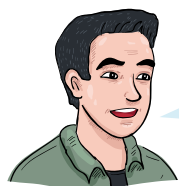
Ordenado líquido, o que é isso? Recebe-se e vai logo por água abaixo?...

Ó Tomás, não nos faças rir que isto é sério! Ordenado líquido é o montante que efetivamente recebemos, depois de retirados os impostos e outros descontos.

Não percebi muito bem...

No nosso contrato de trabalho fica estipulada uma remuneração mensal – chama-se ordenado bruto ou ilíquido...





...ao qual é retirada uma certa quantia para pagar os impostos e a segurança social, de acordo com percentagens estipuladas por lei.



O que é isso?

Os impostos, como, por exemplo, o IRS¹, são uma determinada quantia que se desconta mensalmente para o Estado e que é destinada aos gastos com saúde, educação...

... e as contribuições para a segurança social são para que um dia, quando tivermos idade para deixarmos de trabalhar, possamos receber a nossa reforma. Como o avô Bernardo e a avó Alice...

Já percebi! Vamos lá, então, fazer o orçamento... Não há uma folha de cálculo, para simplificar?



Claro que podemos fazer uma folha de cálculo. Mas também podemos utilizar o Simulador do Orçamento Familiar que existe no portal Todos Contam, em www.todoscontam.pt.

Mas para aprender é preciso *meter as mãos na massa*. Por isso, é melhor, por agora, sermos nós a fazer as contas.



Acho bem! Quando já tivermos percebido como se faz, poderemos passar a usar o simulador, para pouparmos tempo.



Até porque *tempo é dinheiro*!

¹ IRS (Imposto sobre os Rendimentos das pessoas Singulares) – é o imposto que recai sobre o valor dos rendimentos de cada indivíduo, calculado segundo uma tabela de percentagens estabelecida por lei.

TAREFA 1 • IDENTIFICAR OS RENDIMENTOS (RECEITAS).

1. Observa a lista dos rendimentos da família Moedas.

Ordenado líquido do pai.
Ordenado líquido da mãe.
Subsídio de refeição do pai.

Subsídio de refeição da mãe.
Horas extraordinárias da mãe.
Prémio de produtividade do pai.

1.1. Sabendo que o ordenado bruto do pai Rui é 1.500,00 € e que a percentagem total de descontos mensais é de 26,8%, calcula o seu ordenado líquido.

1.2. Quando a mãe Catarina começou a trabalhar, recebia mensalmente 800,00 € de ordenado líquido. Sendo 18% a percentagem dos descontos efetuados, calcula o valor do seu ordenado líquido.

TAREFA 2 • IDENTIFICAR AS DESPESAS.

2.1. Com a ajuda dos pais, o Tomás e a Clara fizeram a lista das despesas:

Despesas mensais	
☐ Prestação do empréstimo da casa.	☐ Água, gás, eletricidade.
☐ Prestação do empréstimo do carro.	☐ Atividades extracurriculares.
☐ Seguros.	☐ Lazer (viagens, livros, cinema...).
☐ Alimentação / supermercado.	☐ Ginásio.
☐ Vestuário / calçado.	☐ Condomínio.
☐ Transportes.	☐ Semanada da Clara e do Tomás.
☐ Telecomunicações.	☐ Despesas pessoais do pai.
	☐ Despesas pessoais da mãe.

2.1.1. Assinala com **(DF)** as **despesas fixas** (aquelas cujo montante não pode ser alterado) e com **(DV)** as **despesas variáveis** (aquelas cujo montante depende do nosso consumo).

TAREFA 3 • CALCULAR O SALDO

3.1. O Tomás e a Clara ficaram encarregados de elaborar uma tabela para registo do orçamento. Observa:

Orçamento mensal da família Moedas	
Receitas fixas: Ordenado líquido do pai: € Ordenado líquido da mãe: 982,00 € Subsídio de refeição do pai : 100,00 € Subsídio de refeição da mãe: 120,00 € Receitas extraordinárias: Horas extraordinárias da mãe: 120,00 € Prémio de produtividade do pai: € Total das receitas: 2.520,00€	Despesas: Prestação do empréstimo da casa: 360,00 € Prestação do empréstimo do carro: 190,00 € Seguros: 50,00 € Alimentação / supermercado: 850,00€ Vestuário / calçado: 80,00 € Transportes: 100,00 € Condomínio: 20,00 € Telecomunicações: 50,00 € Água, gás, eletricidade : 110,00 € Atividades extracurriculares: 60,00 € Lazer (viagens, livros, cinema...): 120,00 € Ginásio: 50,00 € Semanas da Clara e do Tomás: 100,00 € Despesas pessoais do pai : 70,00 € Despesas pessoais da mãe: 70,00 € Total das despesas: 2.280,00 €
Saldo:	

3.1.1. Completa a tabela.

A) inserindo o valor do ordenado líquido do pai, que calculaste em 1.1.;

B) calculando a proporção mensal do prémio de produtividade do pai Rui, sabendo que o valor anual líquido é de 1.200€;

C) calculando o saldo mensal da família Moedas.

3.1.2. Completa agora o plano de repartição do saldo orçamental da família Moedas, sabendo que o mesmo é distribuído pelas seguintes rubricas:

- 50,00 €, quantia mensal destinada a um fundo familiar para prevenir situações de risco;
- 25% do saldo para juntar à poupança que têm vindo a fazer para as obras do sótão;
- aplicação do valor remanescente numa conta poupança para outras necessidades futuras.

3.1.3. Verificando que uma parte do rendimento mensal da família Moedas depende de receitas extraordinárias, indica:

A) o saldo do orçamento familiar, se essas receitas não fossem consideradas.

B) as consequências na poupança da família.

Plano de repartição do saldo orçamental		
Objetivo da poupança	Percentagem do saldo	Montante do saldo orçamental
Fundo familiar para prevenção de situações de risco.		50,00 €
Obras no sótão.	25%	
Conta poupança.		

TAREFA 4 • REVER O ORÇAMENTO

4.1. Depois de verificado o saldo, e feitos os cálculos das quantias destinadas à poupança mensal, o pai Rui fez o seguinte comentário: *“Dada a urgência das obras do sótão e considerando as despesas de férias, temos de repensar e diminuir as **despesas supérfluas**.”*

4.1.1. Sublinha, na tabela apresentada em **3.1.**, as despesas que podem ser consideradas supérfluas.

4.1.2. A família Moedas entende que não é sensato fazer *“cortes cegos”* nas despesas supérfluas. O primeiro passo para tomar uma decisão será estabelecer prioridades. Transcreve as despesas que sublinhaste, considerando, em tua opinião, a sua ordem de prioridade (das mais para as menos supérfluas).

Justifica a ordenação que fizeste.

4.1.3. A Clara lembrou que também é possível diminuir certas despesas necessárias variáveis,

alterando hábitos. Indica uma dessas despesas, referindo comportamentos que podem contribuir para a sua diminuição.

4.2. A mãe Catarina considera que é possível aumentar os rendimentos, se conseguirem algumas receitas extraordinárias com pequenos trabalhos. Completa a lista abaixo, sugerindo pequenas atividades remuneradas que possam ser feitas pela família.

Mãe Catarina e Pai Rui: fazer gomas e bombons biológicos, vendidos em caixinhas personalizadas ou decoradas de acordo com datas específicas (Natal, *Halloween*, Santos Populares, aniversário...)

Clara: fazer e vender raminhos de flores secas para brindes de casamento ou batizado;

Tomás: lavar o carro do avô todas as semanas;

RECORTES DE IMPRENSA

1. Lê com atenção o texto seguinte, prestando atenção às passagens que destacámos:

“PEQUENAS” GRANDES DESPESAS

Muitas vezes chegamos ao fim do mês e **achamos que o dinheiro “voou”**. Puxamos pela cabeça para tentar perceber para onde foi e muitas vezes não chegamos a qualquer conclusão. Queixamo-nos do preço disto e daquilo (que é verdade) mas em alguns orçamentos familiares **a explicação pode estar em pequenas despesas diárias ou semanais que, somadas, representam somas elevadas.**

Fiz as contas a vários exemplos. Jogos, tabaco, pequeno-almoço e lanche fora de casa e outras pequenas despesas de que se lembre ou que se apliquem ao seu caso podem absorver mais dinheiro do que julga. Se fizer as contas a quanto gasta por ano pode ter uma grande surpresa.

O objetivo desta crónica não é dizer se deve ou não ter essas despesas. Como gasta o seu dinheiro é assunto pessoal – e ninguém tem nada a ver com isso. O que quero chamar a atenção é que **deve saber sempre (para ter umas finanças saudáveis) se tem orçamento suficiente ou não para suportar esses gastos.**

O que gasta com uma coisa “inofensiva” pode ser ao fim do ano mais do que o que paga de seguros dos carros ou de IMI², por exemplo. E **se lhe falta esse dinheiro, quando precisa de pagar essas despesas obrigatórias pode verificar que já o gastou em coisas menos importantes.**

Pedro ANDERSSON/SIC,
in “Expresso” de 15-01-2017 (excerto)

² IMI – Imposto Municipal sobre Imóveis.

1.1. Escreve um pequeno comentário ao excerto jornalístico que acabaste de ler.

PISTAS:

1. Identifica o tema.
2. Refere os aspetos focados acerca das pequenas despesas (importância e consequências).
3. Dá a tua opinião acerca das ideias apresentadas, justificando.

(Podes exemplificar, recorrendo à tua própria experiência, pessoal ou familiar.)



BLOCO DE NOTAS

Toma nota do que aprendeste, completando o registo seguinte.

Quatro passos para fazer um orçamento:

1. Identificar _____
(fixas e _____).
2. Identificar _____
(fixas e _____).
3. Calcular o saldo, salvaguardando uma quantia destinada a _____.
4. Rever o orçamento, se necessário, tendo em vista as prioridades e objetivos de poupança e/ou de compra programada.

A NÃO ESQUECER:

1. As despesas não devem exceder as _____, para que o _____ seja positivo;
2. O orçamento familiar deve considerar a importância de poupar regularmente.

2.

POUPANÇA



DO POUPAR VEM O TER

Texto de Maria da Conceição Vicente

A manhã não podia ter começado melhor: depois de uma conversa séria à mesa do pequeno-almoço, e pesados todos os prós e todos os contras, os pais tinham, finalmente, concordado com a proposta de férias da Clara e do Tomás.

O percurso para a escola fez-se entre risos e brincadeiras. Depois de um apressado “Até logo, pai! Até logo, mãe!”, já a bater a porta do carro, os dois irmãos atravessaram o pátio, apressados pelo adiantado da hora. O Tomás, porém, fez ainda um desvio pela sala da Clara. Espreitou da porta, certificou-se de que os amigos já tinham chegado e disse bem alto, fazendo questão de ser ouvido pela turma:

– Malta! Já temos luz verde para acampar!

Reunião geral depois do almoço, na sala de convívio. E vejam se comem depressa!...

– Mas o pendura também vai? – perguntou logo o Rodrigo.

– Vai e dá muito jeito – respondeu a Clara, que acabara de entrar.

A chegada do professor pôs fim ao diálogo, mas o pensamento, esse, continuava a querer voar. A manhã foi longa, as aulas pareciam ter o dobro dos minutos, apesar das conversinhas ao fundo do pátio, a todos os intervalos.

À hora combinada, o grupo estava em peso na sala de convívio, para a primeira reunião. A Clara, eleita por unanimidade para liderar as atividades, iniciou o diálogo:

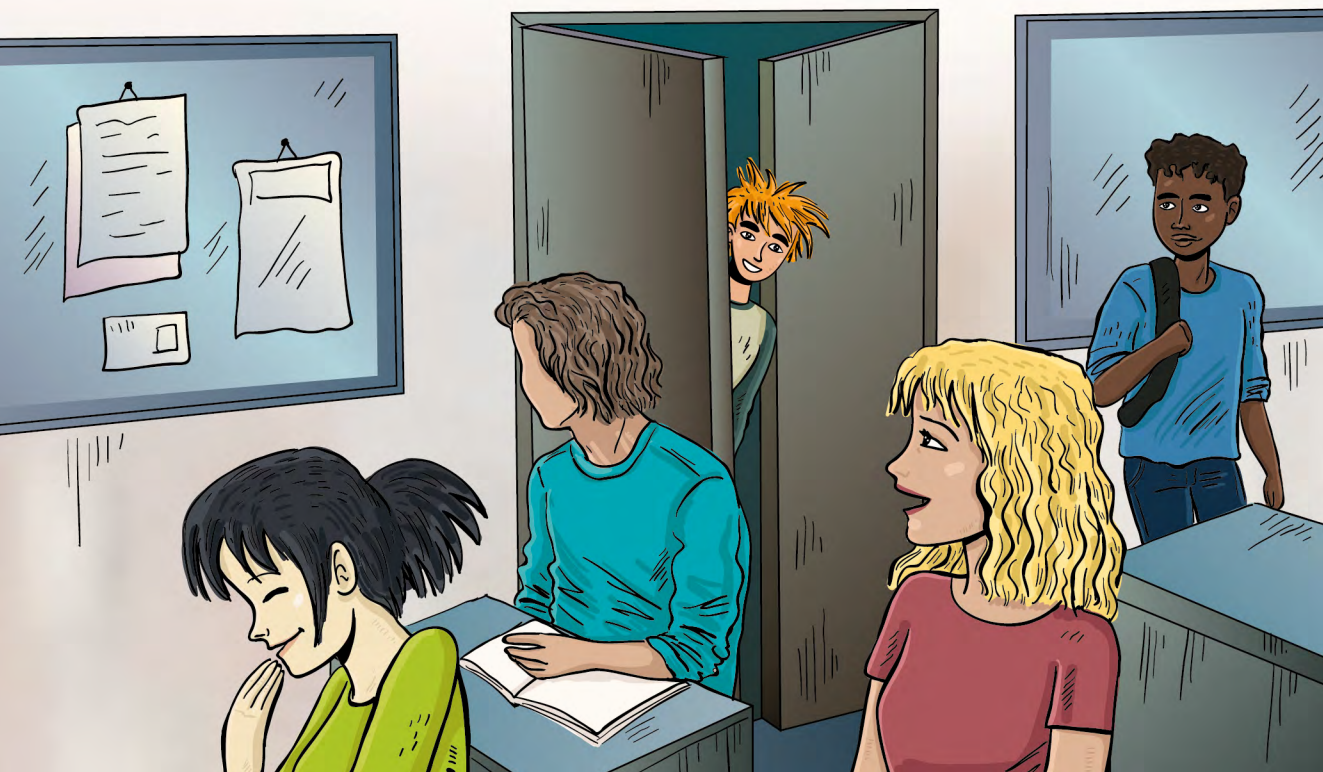
– Antes de avançarmos, precisamos de saber se **todos têm autorização dos pais** para participar no acampamento de férias.

Todos responderam afirmativamente e tão alto que despertaram a curiosidade de quem estava por perto. Só o Vasco parecia um pouco retraído.

– Então, Vasco – notou a Márcia –, que entusiasmo é esse?

– Eu quero muito ir... e tenho autorização, mas não estou muito à vontade.

– Explica-te, pá! Solidariedade masculina ao dispor... – disse, de imediato, o Rodrigo.



– ...e feminina também! – apressaram-se as meninas a acrescentar.

– É que o meu pai esteve algum tempo desempregado e eu não quero sobrecarregar as despesas familiares... Foi por isso que mudámos de cidade: o meu pai arranjou aqui emprego e começou há pouco tempo a trabalhar.

– Mas cá estamos nós para ajudar, não é malta? – perguntou a Clara.

– Isso nem se pergunta! – respondeu logo o Tomás.

– *Um por todos, todos por um*, como os três mosqueteiros – concluiu o Rodrigo, sem hesitações.

– Nós até somos seis... valemos mais! – acrescentou a Márcia, para aligeirar o ambiente e ajudar o Vasco a descontraír. Este, mais confiante, continuou:

– Os meus pais sempre foram muito previdentes e nunca gastaram tudo o que ganhavam. Ouviram sempre os conselhos dos meus avós, que já tinham passado por várias crises e tempos mais difíceis, e sempre os aconselharam a ter *reservas para fazer face a situações de risco*. Tinham dinheiro de lado, foi o que valeu.

– Os meus avós também dizem isso, mas acrescentam que, caso não haja complicações, é bom poupar para aumentar os bens da família – disse a Inês. – E até conseguiram comprar a casa da praia...

– Quando o meu pai, de um momento para o outro, perdeu o emprego, recorreu à poupança, que ajudou muito, até que a situação se resolvesse.

– Olha, Vasco – interrompeu a Clara –, nenhum de nós quer sobrecarregar os pais com *despesas extraordinárias*. Temos de ser nós a resolver os nossos problemas.

– Já percebi! – exclamou a Márcia. – Se queremos uma coisa, temos de lutar por ela. Acampar nas férias, sim. Mas, antes, é preciso inventar maneiras de arranjar dinheiro, o que quer dizer, *toca a fazer um orçamento*, para começar.

– É isso mesmo, Márcia – concluiu a Clara, que acrescentou: – Não se recordam do ano em que pertencemos ao clube *O Tesouro*?

– Sim! – exclamou o Tomás. – E fomos nós que arranjámos dinheiro para a visita de estudo, no final do ano.

– Pois eu acho que podemos traçar um plano semelhante – propôs a Clara. – Primeiro ponto: depois de fazermos o orçamento, arranjamos um *mealheiro coletivo*, onde vamos colocar as poupanças feitas das nossas semanadas; segundo ponto: produzir objetos cuja venda possa acrescentar uns trocados às nossas poupanças.

– Proposta aceite? – abreviou a Márcia.

“YEEESS...” – resposta coletiva.

– Mas eu queria acrescentar um terceiro ponto – disse a Inês. – Eu acho que podíamos recorrer às nossas poupanças. Todos temos poupanças, desde o clube *O Tesouro*, certo?

– Sim – respondeu o Tomás, e todos concordaram.

– Eu tenho uma conta de depósito a prazo, onde estou a juntar algumas poupanças para quando for para a universidade. Posso pedir aos meus pais para utilizar um bocadinho desse dinheiro – acrescentou a Inês.

– Mas, se a conta tem por objetivo juntares dinheiro para ires para a universidade, talvez seja melhor não o utilizares para ires de férias – observou o Tomás.

– Pois, tens razão! Os meus pais não iriam gostar da ideia, visto que a universidade é uma prioridade...

– Eu também tenho uma conta de depósito a prazo e, tal como a da Inês, só os meus pais a podem movimentar. Nós ainda não temos idade! – exclamou o Rodrigo. – Mas eu não quero mexer nesse dinheiro... Já se esqueceram de que eu estou a juntar para comprar uma vespa, quando for para o secundário? O meu depósito é anual. Se levantar antes do prazo, perco juros...

– Expliquem-me lá isso, porque não estou a perceber nada – interrompeu o Vasco, o único que não tinha pertencido ao clube *O Tesouro*, por isso, menos versado em assuntos de finanças.

– Eu explico-te – disse a Inês. – Abrindo uma conta de depósito a prazo, tu podes não só guardar o dinheiro que vais poupando mas também *fazê-lo “crescer”*.

– Crescer, como? – apressou-se o Vasco a perguntar.

– Depositamos o dinheiro no banco e, em troca, recebemos uma espécie de pagamento, relativo a um certo período de tempo e calculado segundo uma determinada taxa... – esclareceu a Inês.

– É o juro – interrompeu a Clara, que logo acrescentou: – E podes levantar o juro, quando se vence, ou deixá-lo ficar a “capitalizar”, como dizem os adultos. Assim, o teu dinheiro cresce, cresce, cresce...

– Ui! Troca lá isso por miúdos – a dúvida do Vasco foi, de imediato, esclarecida pelo Rodrigo:

– Então é assim: como eu quero que as minhas poupanças cresçam mais depressa – estou quase a chegar à idade de comprar a vespa! –, quando chega o momento de receber os juros, em vez de os levantar ou de os passar para a conta à ordem, junto-os ao montante inicial, ou seja, o meu dinheiro capitaliza...

– Já percebi – interrompeu o Vasco. – Se em vez de os retirarmos, deixarmos ficar os juros na conta a prazo, o nosso dinheiro cresce mais depressa.

– Então, se não queremos mexer nas nossas poupanças, temos de pensar em alternativas... – concluiu a Inês.

– Os meus pais têm um plano poupança reforma – interrompeu a Márcia. – Se calhar, vou pedir-lhes que retirem algum desse dinheiro para me ajudarem com a viagem... Afinal, eu só preciso de uma quantia pequenina...

– Mas, se esse plano de poupança é para ajudar a preparar a reforma dos teus pais, não é para outros fins – esclareceu o Tomás.

– Mas então a poupança não é toda igual? – questionou o Vasco.

– Não, Vasco – esclareceu a Clara. – Os meus pais explicaram-me que, antes de poupar, é importante termos um objetivo.

– Mas isso é importante para quê? – perguntou o Vasco.

– Para sabermos onde devemos aplicar a poupança – explicou a Clara –, porque os produtos disponíveis são diferentes, consoante o

nosso objetivo. Como o plano de poupança reforma tem um objetivo específico, quem levantar o dinheiro antes do prazo previsto pode ser penalizado.

– Portanto, e para fim de conversa, quem puder, e quiser, recorre a dinheiro que tenha posto de lado – rematou o Rodrigo. – Mas lembrem-se: não devem recorrer a poupanças que já estejam destinadas a outros fins... nem ao fundo de emergência. Para quem tiver poucas poupanças, ou mesmo nenhuma, havemos de encontrar outras soluções.

– Vamos todos para casa pensar como poderemos angariar mais dinheiro. Próxima reunião, depois de amanhã, aqui, à mesma hora. Cada um traz já o orçamento da sua semanada e vê o que pode poupar para o mealheiro coletivo – propôs o Tomás.

– Semanada? Isso tens tu que és um miúdo – disse a Márcia, com ar importante. – Nós somos finalistas do ensino básico, é bom não te esqueceres! Temos mesada.

– E eu tenho um cartão pré-pago – acrescentou o Rodrigo, olhando de alto –, já sou “gente grande”!

Entretanto, para rematar o assunto, sem perder o fio à meada, a Clara relembrou:

– Bem! Semanada, mesada; com cartão ou sem cartão... o que interessa é que cada um faça a sua poupança, como “gente grande”.

A conversa continuou pelo corredor fora, até às aulas da tarde. O Tomás ainda se voltou para dizer:

– Clarinha, não te esqueças de fazer a ata desta reunião!

– Registei. Quero ver é quem desata primeiro a poupar – a voz da Clara veio já do fundo do corredor.

Ainda se ouviram gargalhadas.

PARAR PARA PENSAR

1. O primeiro passo para levar a cabo o projeto de férias, com o mínimo recurso aos pais, foi fazer o respetivo orçamento.

1.1. Os seis amigos começaram pela lista das despesas para os 7 dias, que vais ajudar a calcular:

Despesas:

A) Alimentação (por pessoa): 8,00 €/dia =

B) Parque de campismo (por pessoa): 2,00 €/dia =

C) Tendas (de 2 pessoas): 25,00€/tenda =

D) Candeeiro: = 15,00 €

E) Colchões individuais: 8,00 €/cada =

F) Sacos-cama individuais: 8,00 €/cada =

Total:

1.2. Considerando que o grupo tem dez meses (setembro a junho) para juntar o dinheiro necessário para as despesas calculadas, qual seria a poupança mensal que cada um dos amigos teria de fazer da sua mesada?

2. O Tomás sugeriu que, além da receita fixa poupada da mesada, se obtivessem algumas receitas extraordinárias para aumentar o saldo do orçamento. Poderiam, assim, dispor de algum dinheiro para imprevistos ou extras. Completa, então, a grelha final do orçamento de férias:

- integrando os cálculos que fizeste em 1.1;
- calculando a poupança total da mesada, sabendo que cada elemento do grupo conseguiria poupar 8,00 € por mês;
- acrescentando duas sugestões à lista de receitas extraordinárias;
- completando os cálculos.

Orçamento das férias do grupo

RECEITAS**Fixas:**

Poupança total da mesada:

Extraordinárias:

Pequenos serviços remunerados prestados a familiares ou vizinhos:

- passear o cão dos tios: 40,00 €
- transportar compras da vizinha: 30,00 €
- :

Confeção e venda de produtos ou objetos:

- biscoitos: 70,00 €
- marcadores de livros: 25,00 €
- :

Total: **680,00€**

DESPESAS

Alimentação:

Parque de Campismo:

Tendas:

Candeeiro:

Colchões:

Sacos-cama:

Total:

Saldo: 80,00 €

3. Poupar... para quê? O diálogo entre amigos, presente no texto inicial, pode ajudar-te a responder a esta questão.

3.1. Faz a correspondência entre as duas colunas A e B, associando os objetivos de poupança às personagens indicadas.

A) Personagens		B) Objetivos da poupança	
1	Rodrigo		Prevenir situações imprevistas.
2	Avós da Inês		Preparar a reforma.
3	Pais do Vasco		Pagar despesas com educação.
4	Inês		Acumular património.
5	Pais da Márcia		Fazer uma compra a longo prazo.

4. O Rodrigo tem as suas poupanças numa conta de depósito a prazo. Transcreve do texto expressões que comprovem que, à exceção do Vasco, todos os amigos conheciam as características destas contas bancárias:

A) Idade mínima: só a partir da maioridade se pode abrir e movimentar uma conta bancária. Até lá são os pais (ou representantes legais) a gerir a conta.

Texto: _____

B) Ao abrir uma conta de depósito a prazo, há que considerar:

- **Prazo:** é o tempo de duração do depósito (anual, semestral...).

Texto: _____

- **Remuneração:** os juros podem ficar à disposição do depositante na data do vencimento (juros simples), ou podem acumular à quantia depositada, vindo a render mais juros (juros compostos).

Texto: _____

- **Condições de mobilização antecipada:** dependendo do contrato, é possível, ou não, fazer levantamentos antes do prazo estipulado para o depósito. Se for possível, pode ou não haver perda de juros.

Texto: _____

5. O Rodrigo já tem 2.000,00 € na sua conta de depósito a prazo. Calcula o valor do juro bruto (antes de imposto) que vencerá no próximo ano, a uma taxa anual de 2%.

5.1. Sabendo que os juros dos depósitos a prazo estão sujeitos a uma taxa de imposto de 28%, calcula o valor do juro anual que o Rodrigo irá, efetivamente, receber (juro líquido).

5.2. Se o Rodrigo optar por juros compostos, deixando os juros a capitalizar na conta de depósito a prazo, qual será o montante do juro bruto (antes de impostos) no ano seguinte?

6. Além da conta de depósito a prazo, no texto é referido outro produto de poupança. Identifica-o.

6.1. Transcreve do texto expressões que comprovem que o Tomás, a Inês e a Clara conheciam as seguintes características do produto de poupança que citaste:

A) Objetivo específico da poupança.

B) Penalização por movimentação antecipada.

MESA-REDONDA

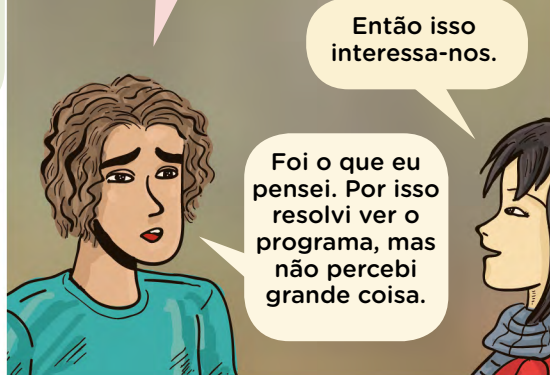
No dia combinado, à hora certa, lá estava o grupo sentado à mesma mesa, pronto para mais uma conversa sobre poupança.



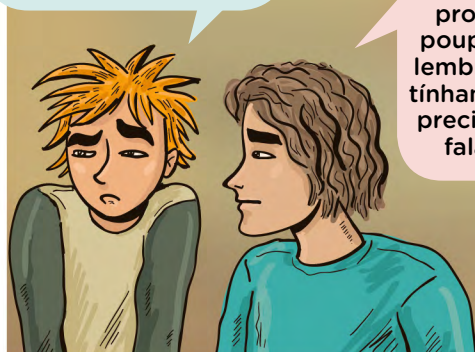
Ontem, estava a fazer um zapping para procurar um filme interessante e fui dar a um programa sobre poupança.



A certa altura começaram a falar de fundos, ações, obrigações... tudo relacionado com poupança...



Pois! Ações... Não vês que isso é coisa de adultos?



Olha, está ali a professora de Matemática, que deve saber o que isso é. Vamos pedir-lhe ajuda.



A pedido da Inês, a professora Amélia sentou-se à mesa com o grupo, disposta a esclarecer dúvidas.

O que vocês querem, afinal, é conhecer os diversos produtos financeiros relacionados com a aplicação da poupança.

É isso, professora! Era disso que falavam no programa.

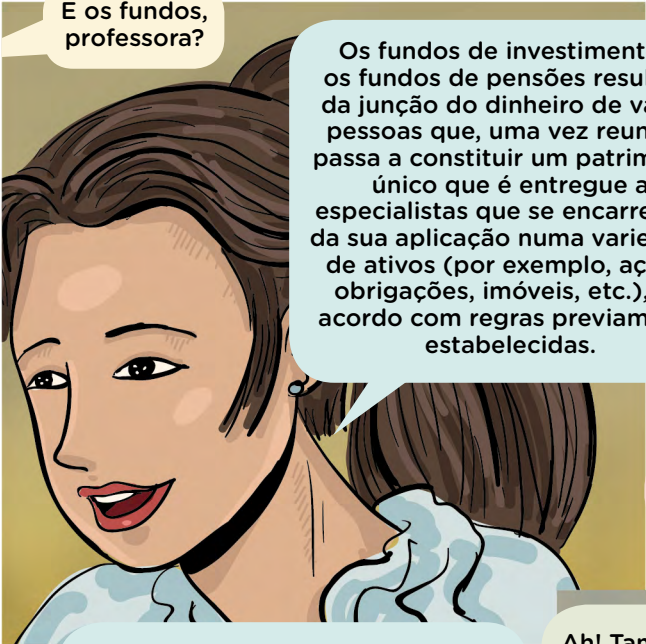
Na vossa idade, a poupança é geralmente aplicada numa conta de depósito a prazo, porque é feita de pequenas quantias que vão conseguindo guardar.

Quem esteve no clube *O Tesouro* já tem uma conta dessas, professora.

Pois! Mas os adultos podem ter outros objetivos, poupanças mais avultadas, e optar por outras aplicações.

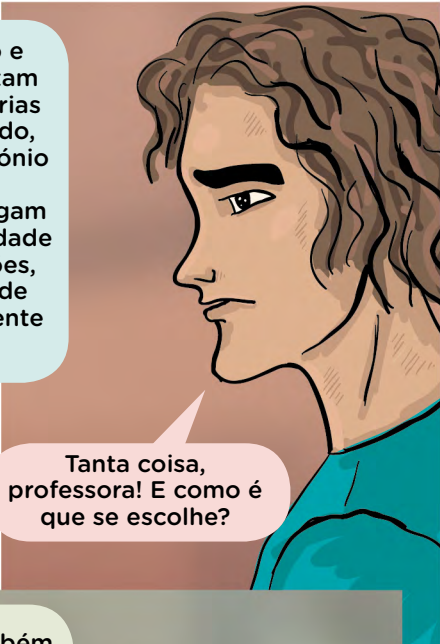
Planos de poupança reforma...

Sim, mas além dos depósitos a prazo e dos planos de poupança reforma, que vocês já conhecem, há ainda ações, obrigações, fundos de investimento, fundos de pensões... Quem compra ações de uma empresa torna-se sócio dessa empresa. Já quem compra obrigações é como se estivesse a fazer um empréstimo à empresa que as emite.

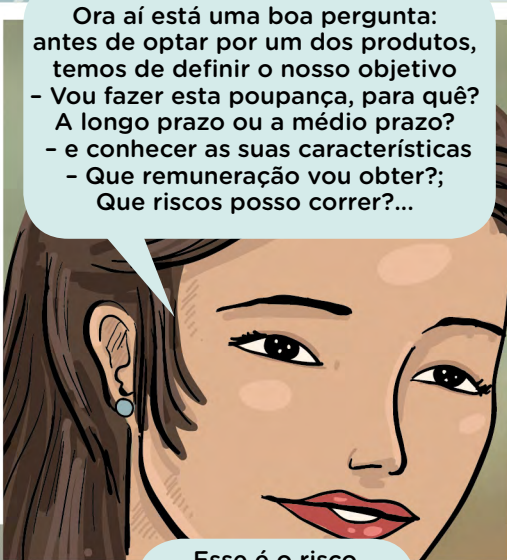


E os fundos, professora?

Os fundos de investimento e os fundos de pensões resultam da junção do dinheiro de várias pessoas que, uma vez reunido, passa a constituir um património único que é entregue a especialistas que se encarregam da sua aplicação numa variedade de ativos (por exemplo, ações, obrigações, imóveis, etc.), de acordo com regras previamente estabelecidas.



Tanta coisa, professora! E como é que se escolhe?



Ora aí está uma boa pergunta: antes de optar por um dos produtos, temos de definir o nosso objetivo

- Vou fazer esta poupança, para quê? A longo prazo ou a médio prazo?
- e conhecer as suas características
- Que remuneração vou obter?;
- Que riscos posso correr?...



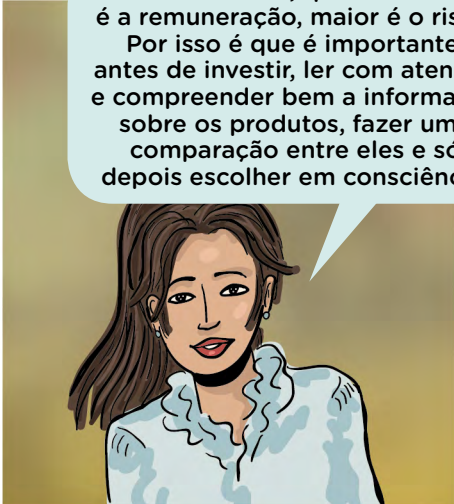
Ah! Também há riscos!...

Podemos precisar de levantar o dinheiro e não podermos, ou sermos penalizados...

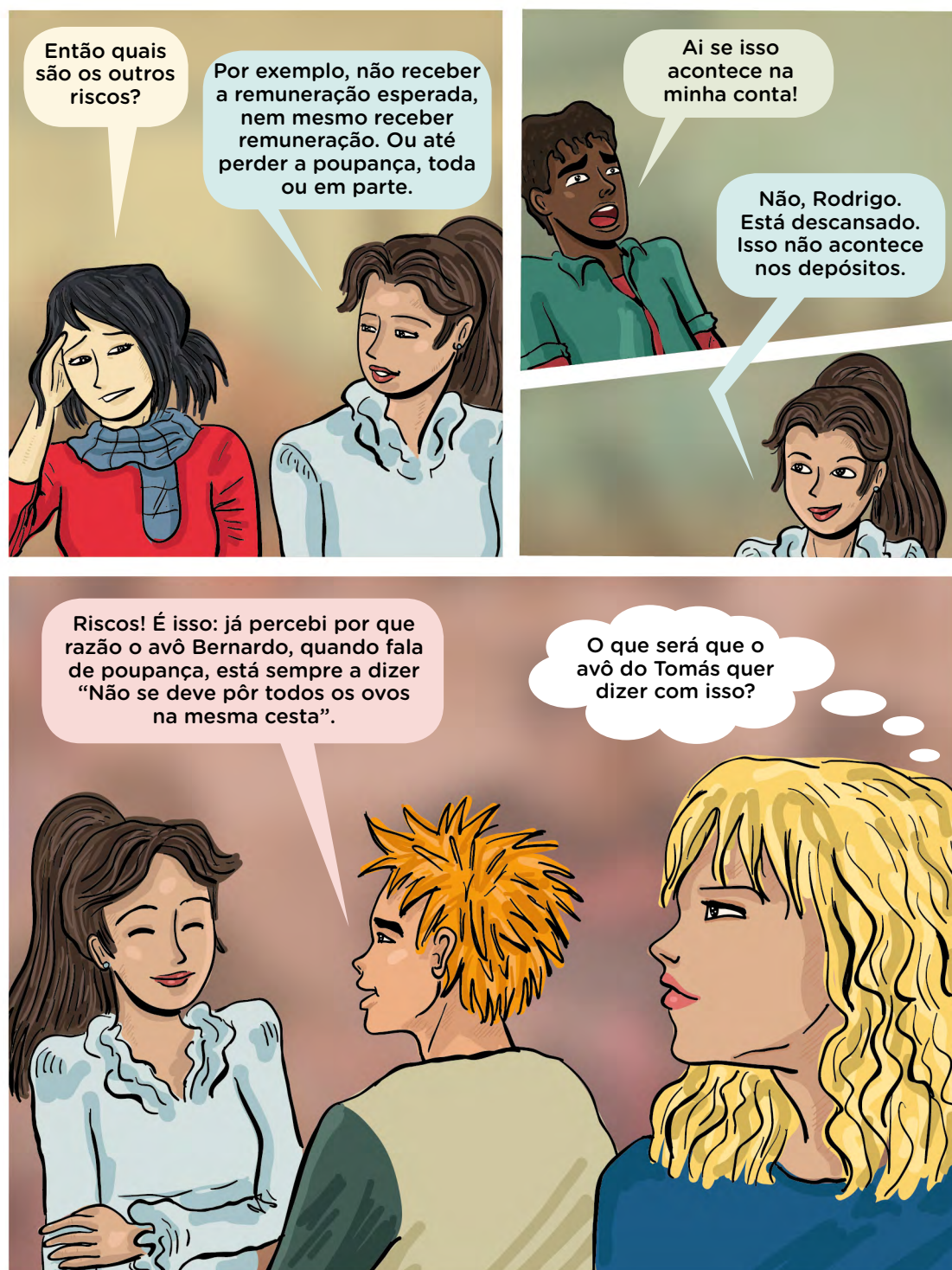


Esse é o risco de liquidez. Mas há outros.

E são graves?



Normalmente, quanto maior é a remuneração, maior é o risco. Por isso é que é importante, antes de investir, ler com atenção e compreender bem a informação sobre os produtos, fazer uma comparação entre eles e só depois escolher em consciência.



1. De acordo com o que aprendeste neste diálogo, explica o sentido do provérbio citado pelo avô do Tomás, quando se refere a aplicações da poupança.

2. Como verificaste, há vários produtos disponíveis para quem pretende aplicar as suas poupanças. Identifica-os, fazendo corresponder cada produto à respetiva definição.

Produtos financeiros para aplicação da poupança

A) Depósitos a prazo

D) Obrigações

B) Planos de poupança reforma

E) Fundos de investimento

C) Ações

F) Fundos de pensões

- ☐ Títulos de dívida emitidos por uma entidade, como uma empresa, uma instituição de crédito ou até o próprio Estado. Estes títulos representam um empréstimo à entidade que as emite.
- ☐ Produtos de longo prazo que têm a finalidade específica de poupar para a reforma.
- ☐ Instrumentos financeiros que resultam da agregação das poupanças de vários investidores num património autónomo, que é gerido e aplicado por especialistas numa variedade de ativos (por exemplo, ações, obrigações, imóveis, etc.).
- ☐ Património autónomo que resulta da agregação das poupanças de vários investidores, que é gerido por especialistas, com o objetivo exclusivo de poupar para a reforma.
- ☐ Frações do capital social de uma empresa.
- ☐ Entrega da poupança a uma instituição de crédito, que se compromete a pagar uma remuneração (juros) e a devolver o dinheiro dentro de um determinado prazo.

3. Como explicou a professora Amélia, antes de aplicarmos as nossas poupanças, é fundamental conhecermos as características específicas dos produtos disponibilizados pelas instituições financeiras e avaliarmos os riscos que lhes são inerentes.

3.1. De acordo com o que aprendeste, assinala com **V** verdadeiro ou **F** falso as afirmações seguintes:

- ☐ Os depósitos a prazo são produtos financeiros de alto risco.
- ☐ Geralmente, quanto mais elevada é a remuneração, mais elevado é o risco.
- ☐ O risco de capital (perda de toda ou parte da poupança aplicada) existe nas ações e nos fundos de investimento.
- ☐ O plano de poupança reforma é uma aplicação da poupança a curto prazo.
- ☐ Há produtos de aplicação da poupança que têm risco de remuneração (a remuneração pode não ser a esperada ou ser, mesmo, nula).
- ☐ As ações são produtos financeiros isentos de risco.
- ☐ Quem investe em ações, obrigações ou fundos nunca perde o capital (a poupança que investiu).
- ☐ Os depósitos não têm risco de capital (perda de toda ou parte da poupança aplicada).
- ☐ Nenhum dos produtos de aplicação da poupança citados tem risco de liquidez (impossibilidade de levantar o dinheiro antes do prazo contratado).

RECORTES DE IMPRENSA

1. Lê com atenção o texto seguinte, prestando atenção às passagens que destacámos:

ENSINE AO SEU FILHO AS REGRAS DA POUPANÇA

A literacia financeira não é só para adultos. Os jovens devem aprender não só a poupar, como também a aplicar o dinheiro.

Quer seja para estudar dentro de uns anos, fazer uma viagem ou dar uma entrada para o primeiro carro, **os pais devem ensinar os filhos adolescentes a guardar e, também, a aplicar o dinheiro o mais cedo possível em soluções financeiras.**

Para começar, leve-os a refletir sobre as variáveis-base da poupança. Em quantos anos querem ver o resultado do que pouparam? O montante inicial é elevado? O objetivo é fazer reforços regulares de pequenos montantes?

[...]

Deve alertar o jovem para a necessidade de, **antes de escolher o produto de poupança, analisar as suas características**, lendo atentamente a informação pré-contratual. Deve prestar atenção ao prazo de vencimento da aplicação ou à possibilidade de mobilização antecipada do montante aplicado e, neste caso, à eventual penalização de juros. Antes de decidir, sugira-lhe **comparar as alternativas** comercializadas pela mesma instituição de crédito, em função da taxa de remuneração do produto.

[...]

Explique ao jovem que tem lá em casa que quanto maior for a taxa e o prazo da aplicação, maior será o montante acumulado. E que **quase tudo é melhor do que o simples mealheiro ou estrado da cama.**

Maria João ALEXANDRE, *Ensine ao seu filho as regras da poupança*, in *Dinheiro Vivo*, 04-11-2017 (www.dinheirovivo.pt) (com supressões)

1.1. Com base no corpo do artigo acima apresentado, escreve um pequeno comentário ao respetivo subtítulo.

PISTAS:

1. Assinala a importância de “aprender a poupar”.
2. Refere a necessidade de saber definir objetivos de poupança e de analisar as características dos produtos de poupança antes de tomar uma decisão.
3. Salienta as vantagens da aplicação das poupanças.

(Podes recorrer à tua própria experiência.)



2. Imagina que queres fazer uma compra a longo prazo e decides iniciar o teu plano de poupança com 100,00 €, que tens no mealheiro. Fazes, então, uma aplicação financeira à taxa anual de 2%. Se conseguires poupar 5,00 € por mês, quanto terás acumulado ao fim de cinco anos?

(Para fazer o cálculo, recorre ao Simulador da Poupança disponível no Portal Todos Contam – www.todoscontam.pt)

BLOCO DE NOTAS

Toma nota do que aprendeste, completando o registo seguinte.

QUEM POUPA DEVE TER OBJETIVOS:

- A) _____ .
- B) _____ .
- C) _____ .
- D) _____ .

A NÃO ESQUECER:

1. Devemos evitar guardar as nossas economias em casa. A maneira mais comum de guardá-las é

_____, mas há outras formas de aplicar a poupança. Pode ser aplicada em produtos de poupança de longo prazo com um objetivo específico, como os planos _____ ou, ainda, em _____, _____ ou _____.

2. Devemos conhecer antecipadamente as características dos produtos de poupança e tomar decisões de acordo com os nossos objetivos.

3.

CRÉDITO



GASTAR COM PESO E MEDIDA

Texto de Maria da Conceição Vicente

As férias ainda vinham longe, mas o grupo de amigos já estava a vivê-las por antecipação. Folha de orçamento numa das mãos, máquina de calcular na outra, sexta à tarde, final das aulas... e lá estavam todos na sala de convívio, dando conta das poupanças da semana e programando as atividades que haveriam de dar origem às receitas extraordinárias combinadas.

Naquela sexta-feira, o Tomás não estava nos seus melhores dias, pois, achava ele, a sua “carteira de clientes” para passeios de cão não era suficiente para lhe garantir o objetivo financeiro traçado. Chegou atrasado e, antes de se sentar, ignorando a conversa animada dos amigos, disse repentinamente:

– E se comprássemos o material de campismo a crédito? Até podíamos comprar tendas melhores...

Tudo parou e, quem observasse de longe, embora os achasse bem crescidinhos, diria que o grupo estava a jogar às estátuas. A Clara quebrou o gelo do silêncio:

– Ó Tomás, o que é que te deu? Não sabes que para contrair um crédito é preciso garantir o pagamento?! Logo... é preciso ser adulto e trabalhar!

Estalaram os comentários: “Como é que pagas a prestação mensal, vais lavar pratos no refeitório?...”; “...e o que dás de garantia, o teu par de patins em linha?”; “Tens de comer muita sopa até lá chegares...”; “Olha, crédito! Este passou-se...”

– Eu pensava que podíamos comprar agora e pagar mais tarde, pronto! Não sabia! Como só ouço para aí dizer *Compre agora e pague depois*, pensei que toda a gente, em qualquer momento, pudesse contrair um crédito.



– Crédito? Ouvi bem? Esta miudagem está a falar em crédito? – era o professor José Vaz, que tinha entrado na sala e, dado o volume de som, não poderia ter deixado de ouvir a ponta da conversa.

O professor acercou-se do grupo e quis inteirar-se do assunto, até porque, sendo parte do projeto como adulto supervisor durante o acampamento, fazia questão de tomar conhecimento das principais decisões logísticas a tomar.

– Ora, então, vocês queriam comprar as tendas a crédito?! Muito bonito!

– Ó professor Vaz, assim comprávamos já e não precisávamos de esperar até termos dinheiro – insistiu o Tomás.

– Sim. Na verdade, é esse um dos motivos que leva as pessoas a recorrer ao crédito – explicou o professor –, mas, antes de o fazerem devem ponderar essencialmente duas coisas: primeiro, se a compra a fazer corresponde, efetivamente, a uma necessidade ou até a um desejo razoável – nada de extravagâncias!; segundo, se têm capacidade financeira para pagar.

– Não percebo muito bem isso da capacidade financeira – disse o Vasco.

– Olha, Vasco, o crédito, como qualquer empréstimo, implica um contrato entre quem empresta, neste caso o banco ou outra instituição de crédito, e quem pede emprestado. O primeiro compromete-se a emprestar um determinado valor em dinheiro; o segundo compromete-se a devolver o dinheiro no prazo combinado e mediante o pagamento de juros e outros custos...

– Já percebi – interrompeu a Inês. – Capacidade financeira quer dizer que a pessoa tem de ter rendimentos que lhe permitam pagar o que deve no tempo previsto... o dinheiro que pediu mais os juros e outros custos.

– Pois! – exclamou o Rodrigo. – O banco paga-nos juros pelas poupanças que depositamos. Agora invertem-se os papéis: é o banco que empresta, logo, cobra juros, como se fosse uma espécie de pagamento pelo “aluguer” do dinheiro.

– E como é que as pessoas sabem que têm capacidade financeira para contrair um empréstimo? – perguntou a Márcia.

– Têm de olhar para os seus rendimentos e para as suas despesas, sobretudo as fixas e, a partir daí, fazerem contas para ver se o que sobra lhes permite pagar a mensalidade do empréstimo...

– ... que passa a ser mais uma despesa fixa no orçamento familiar durante todo o período do empréstimo – concluiu a Clara.

– E se a pessoa morrer entretanto, o que é que acontece? – perguntou o Vasco.

– Muitos bancos exigem a contratação de um seguro de vida que garanta o pagamento do valor do empréstimo, caso ocorra alguma situação grave, como a morte – explicou o professor Vaz.

– Alguma vez pediu um empréstimo, professor Vaz? – perguntou o Tomás.

– Sim, Tomás. O primeiro empréstimo que fiz foi para pagar o mestrado. Já tinha a licenciatura e estava a trabalhar, mas não quis esperar até juntar dinheiro para o pagar e também não quis sobrecarregar os meus pais, que já me ajudavam, uma vez que eu estava lá em casa.

– O primeiro, professor? Então fez mais do que um? – perguntou a Clara.

– Quando acabei de pagar o mestrado, além do trabalho na escola, comecei a dar aulas de natação, o que me deu uma certa “folga financeira”. Depois, como eu gosto muito de mar, pensei em praticar surf, precisava de equipamento...

– ... e foi necessário fazer um empréstimo para comprar o equipamento? – perguntou o Vasco.

– Sim. As poupanças que tinha eram insuficientes e eu queria um equipamento mais profissional, com melhor qualidade... – esclareceu o professor. – Acabou por se traduzir num bom investimento, pois acabei por ganhar algum dinheiro dando aulas de surf...

– E pagou depressa, professor? – quis saber a Márcia, provocando a intervenção da Clara:

– Que cusca, Márcia! Isso não se pergunta.

– Não faz mal. Curiosidade não vos falta – disse o professor, em tom conciliador, e continuou: – Como a minha capacidade financeira era razoável – passei a ter três fontes de rendimento e pouca despesa –, acordei um prazo cur-

to para pagar. Geralmente, quanto menos tempo se demora a pagar o empréstimo, menores são os juros que pagamos. Além disso, os meus pais eram fiadores e eu queria libertá-los rapidamente dessa preocupação.

– Fiadores... que cena é essa? – várias vezes se confundiram na surpresa da questão.

– Quando se contrai um crédito, muitas vezes temos de dar garantias de que, se por qualquer motivo imprevisto ficarmos sem capacidade financeira e falharmos o pagamento das prestações mensais, haverá outra maneira de restituir o dinheiro à instituição que o emprestou.

– Como os seguros? – perguntou o Vasco.

– Os seguros, como já vos expliquei, podem assegurar o pagamento do empréstimo no caso de se verificarem determinados imprevistos que afetem a nossa capacidade financeira, mas, neste caso, estamos a falar de outro tipo de garantias.

– Quais? – perguntaram em coro.

– Uma das formas de dar essa garantia à instituição que nos emprestou o dinheiro é nomearmos alguém que pagará a nossa dívida, no caso de nós falharmos. Será, nesse caso, nosso fiador.

– Ah! Estou a ver! – exclamou a Inês. – *Fiador*, derivado de *fiar*, da família de *confiança*, da mesma raiz latina *fide*- que também deu *fé*...

– Chega, Inês! – interrompeu a Clara. – Parece que estás a dar uma aula.

– Quando se faz um **crédito à habitação** para comprar uma casa, em que o montante emprestado é normalmente mais elevado, é a própria casa que é dada como garantia – continuou o professor. – Se o pagamento falhar, a casa é entregue à instituição financeira que concedeu o empréstimo.

– É verdade! Quando o meu pai perdeu o emprego, tivemos de fazer muitos cortes nas despesas mensais para continuarmos a pagar o empréstimo à habitação e não perdermos a casa... – concluiu o Vasco.

Havia ainda assunto para muita conversa, mas o relógio não parou e a tarde já ia longa.

– Vou para a praia apanhar umas ondas – disse o professor José Vaz, já de saída.

– Vá gozando o descanso, professor – disse a Márcia. – Daqui a uns meses tem-nos lá a todos e acabou-se o sossego.

– Uns bons mergulhos põem-vos calmos num instante – ainda se ouviu a voz do professor, ao fundo da sala.

“Será que o professor já fez um tubo?”; “Já terá surfado no Canhão da Nazaré?”

Uma maré de perguntas e a conversa surfou das finanças para os desportos náuticos.



PARAR PARA PENSAR

1. Pelas explicações do professor José Vaz, ficaste certamente a perceber o que é o crédito (ou empréstimo) e quais as suas características. Completa a seguinte definição:

Um **empréstimo** é um contrato celebrado entre duas partes: um banco ou uma instituição de crédito (credor) que _____ e um cliente (devedor) que _____, num determinado _____, mediante o pagamento de _____ e _____.

2. No texto que acabaste de ler, é possível identificar duas razões para recorrer ao crédito. Indica-as, completando as frases:

A) Os pais do Vasco recorreram ao crédito, porque _____

B) O professor José Vaz fez um empréstimo, porque _____

Pensei em praticar surf, precisava de equipamento.



3. Se estivesses na situação do professor José Vaz – ter um desejo e não dispor de dinheiro para satisfazê-lo –, por qual das seguintes opções te decidiras?

- ☐ A) Elaborar um plano de poupança para juntar o dinheiro necessário.
- ☐ B) Desistir da compra.
- ☐ C) Recorrer ao crédito.
- ☐ D) Pedir aos pais.

3.1. Justifica a tua opção.

4. Quando pediu o empréstimo, o professor José Vaz tomou conhecimento dos custos do crédito, os quais incluem juros, comissões e seguros. Indica a que se destina o pagamento de cada um destes custos, fazendo a correspondência entre as duas colunas **A** e **B**.

A

B

1 Juros

☐ Valores pagos para cobrir determinados riscos que possam afetar a capacidade de pagamento do empréstimo.

2 Comissões

☐ Montante pago pelo "uso" do dinheiro durante o período do empréstimo.

3 Prémios de seguro

☐ Valores pagos pelos serviços prestados pela instituição de crédito.

5. Embora de maneira diferente, tanto o professor José Vaz como os pais do Vasco tiveram de apresentar garantias aquando da celebração dos contratos dos empréstimos que pediram. Refere-as.

A) Professor >> _____

B) Pais do Vasco >> _____

6. Contrair um crédito implica responsabilidade, razão pela qual devem ser previamente avaliadas as condições para se poder cumprir o contrato estabelecido, ou seja, para pagar atempadamente as prestações do empréstimo.

6.1. Recolhe do texto argumentos para justificar a seguinte afirmação:

Como qualquer cidadão responsável, antes de recorrer ao crédito o professor José Vaz avaliou a sua capacidade financeira.

6.2. Comenta a seguinte frase:

Na avaliação da capacidade para pagar um empréstimo com um prazo longo, devem ser considerados não só os rendimentos e despesas atuais da família mas também eventuais situações de risco que podem ocorrer no futuro.

6.3. Os pais do Vasco compraram uma casa recorrendo ao crédito à habitação e viram-se envolvidos numa situação difícil. Explica o que aconteceu e quais as consequências.

7. Para avaliarem a sua capacidade financeira, quando pensaram em comprar nova casa, os pais do Vasco começaram por calcular a sua **taxa de esforço** (percentagem do rendimento destinada ao pagamento das prestações de empréstimos). Observa a fórmula:

$$TE = \frac{Em}{Rm} \times 100 = \text{_____} \%$$

TE Taxa de esforço

Em Encargos mensais com empréstimos

Rm Rendimento mensal líquido

7.1. Sabendo que o rendimento mensal líquido da família do Vasco era 1.600,00€ e que as prestações de empréstimos (crédito automóvel e crédito à habitação) somavam 480,00 €, calcula:

A) a sua taxa de esforço.

B) o rendimento disponível após o pagamento de empréstimos.

7.2. Os amigos do Vasco quiseram aprender a fazer o mesmo cálculo. Ajuda-os a completarem o quadro seguinte:

Professor José Vaz	Família da Márcia (pais e 2 filhos)	Família Moedas (pais e 2 filhos)
Rend. Mensal: 1.200,00 €	Rend. Mensal: 1.575,00€	Rend. Mensal: 2.300,00 €
Prestações: _____ €	Prestações: 315,00 €	Prestações: 550,00 €
Taxa de esforço: 24%	Taxa de esforço: _____	Taxa de esforço: 24%
Rendimento disponível após pagamento de empréstimos: _____	Rendimento disponível após pagamento de empréstimos: _____	Rendimento disponível após pagamento de empréstimos: _____

7.2.1. Partindo da análise dos cálculos registados no quadro anterior, comenta as afirmações seguidamente apresentadas, justificando.

A) A taxa de esforço da família Moedas é superior à taxa de esforço da família da Márcia, logo, a família Moedas vive pior.

B) As taxas de esforço do professor José Vaz e da família Moedas são ambas de 24%, logo, têm uma situação financeira semelhante.

7.2.2. Com base no que aprendeste até aqui, explica quais os fatores que devem ser considerados na avaliação da capacidade financeira, antes de recorrer ao crédito.

MESA-REDONDA

Na casa dos Moedas, o almoço de domingo é um bom momento para conversas “de como e porquê”, por isso, mais longas.



É evidente! Sempre que utilizamos um cartão de crédito para fazer pagamentos, estamos, na verdade, a recorrer ao crédito para realizar esses pagamentos. E, como em qualquer outro crédito, temos de devolver o dinheiro emprestado e estamos sujeitos ao pagamento de juros e outros custos. Além disso, mesmo se não usarmos o cartão para fazer pagamentos, o banco ou a instituição de crédito pode cobrar uma anuidade pelo cartão...

O que é isso?

É uma comissão anual, paga pelo titular do cartão.

Tudo isto mostra que, antes de contrarmos um cartão de crédito temos de avaliar se efetivamente nos faz falta e se conhecemos bem o seu funcionamento.

O cartão de crédito é diferente do cartão de débito?

Claro! Os pagamentos feitos com um cartão de débito refletem-se imediatamente na conta de depósito à ordem associada ao cartão. Só conseguimos usar o cartão se houver dinheiro na conta.

Os pagamentos que fazemos com o cartão de crédito, em contrapartida, não se refletem imediatamente na conta de depósito à ordem...

... mas temos sempre a obrigação de devolver o dinheiro que nos emprestaram. A isso chamamos responsabilidade de crédito!

E não existe também um limite para o valor que podemos gastar com um cartão de crédito?

E pagamos juros sempre que utilizamos o cartão?

Se pagarmos o total do montante em dívida no final do mês, não há cobrança de juros... É, por isso, esta a melhor opção.

Se for reembolsada apenas uma percentagem do montante em dívida, vamos ter de pagar juros.

É como o meu cartão pré-pago. Enquanto dura o carregamento que o pai faz, posso gastar. Depois...

Depois... não gastas mais.

Claro que sim. Há um limite de crédito e a esse limite chamamos *plafond*, que quer dizer *teto*.

Para fim de conversa, repito o que costuma dizer a avó Alice: Temos de gastar com peso e medida.

1. Como explicou o pai Rui, “Há vários tipos de crédito, de acordo com a compra que queremos fazer.”



1.1. Indica o tipo de crédito adequado a cada um dos objetivos indicados na tabela. Segue o exemplo.

Finalidades do empréstimo		Tipos de crédito
	A) O professor José Vaz quer trocar de carro.	CRÉDITO À HABITAÇÃO 1 CRÉDITO AOS CONSUMIDORES: • Crédito automóvel 2 • Crédito pessoal 3 • Cartão de crédito 4
1	B) Os pais do Vasco pretendem comprar uma casa.	
	C) Os pais do Rodrigo querem comprar algumas prendas de Natal através da <i>internet</i> .	
	D) O professor José Vaz pediu um empréstimo para fazer o mestrado.	

2. Segundo a mãe Catarina, ser titular de um cartão de crédito implica “conhecer bem o seu funcionamento”.

2.1. Completa as afirmações seguintes com as palavras **crédito** ou **débito**.

A) O cartão de _____ é um meio de pagamento; o cartão de _____ é simultaneamente um meio de pagamento e um tipo de crédito.

B) O cartão de _____ permite utilizar dinheiro proveniente de empréstimo bancário, enquanto o cartão de _____ permite apenas fazer pagamentos movimentando o dinheiro depositado na conta à ordem do seu titular.

C) O *plafond* é o limite máximo que o titular de um cartão de _____ pode utilizar ao longo do tempo.

3. O crédito contraído de maneira pouco responsável pode levar a situações de: (Assinala com **V** verdadeiro ou **F** falso.)

☐ incumprimento (incapacidade de pagamento das prestações contratadas).

☐ satisfação das necessidades futuras da família.

☐ aumento da capacidade financeira.

☐ acumulação de créditos e, por consequência, ao endividamento (acumulação de dívidas).

☐ dificuldades de gestão do orçamento familiar.

RECORTES DE IMPRENSA

1. Lê com atenção o texto seguinte, prestando atenção às passagens que destacamos:

RECURSO AO CARTÃO DE CRÉDITO DURANTE AS FÉRIAS

Segundo os dados divulgados pelo Banco de Portugal, o cartão de crédito é uma ferramenta financeira muito utilizada pelos consumidores portugueses. [...] No entanto, **quando é mal utilizado, o cartão de crédito pode contribuir para o endividamento excessivo.**

Durante o período de férias, é comum a utilização irrefletida e exagerada do cartão de crédito para liquidar as despesas inerentes a este período. Principalmente, nas situações em que não foi efetuado um planejamento de gastos durante este período de lazer.

Desta forma, torna-se necessário alertar os consumidores para o **risco da utilização irrefletida dos cartões de crédito**. [...]

O cartão de crédito [...] **tem que ser contratado e utilizado de forma responsável.**

*Recurso ao Cartão de crédito durante as férias
in “Literacia Financeira”, gasdeco.net
(excerto com supressões)*

1.1. Partindo das considerações feitas no texto que acabaste de ler, comenta o provérbio *Não te metas a comprar o que não podes pagar*.

PISTAS:

1. Assinala a importância de ponderar o motivo para recorrer ao crédito.
2. Relaciona o provérbio apresentado com a responsabilidade que se assume ao contratar um crédito.
3. Refere as consequências da utilização irrefletida do cartão de crédito.

[illegible]A stack of newspapers and a smartphone are positioned at the bottom right corner of the page. The top newspaper is titled 'NOTICIAS' and features a large black rectangular graphic. A smartphone is placed on top of the newspapers, displaying a news application interface with the word 'NOTICIAS' visible on its screen.

BLOCO DE NOTAS

Toma nota do que aprendeste, completando o registo seguinte.

A) Responsabilidade do crédito...

1. ... o que significa?

É a obrigação assumida pelo devedor de _____ à instituição de crédito a totalidade do _____, acrescido de _____, _____ e _____.

B) Contrair crédito para quê?

Quem faz um empréstimo tem, geralmente, por objetivo:

1. _____
2. _____

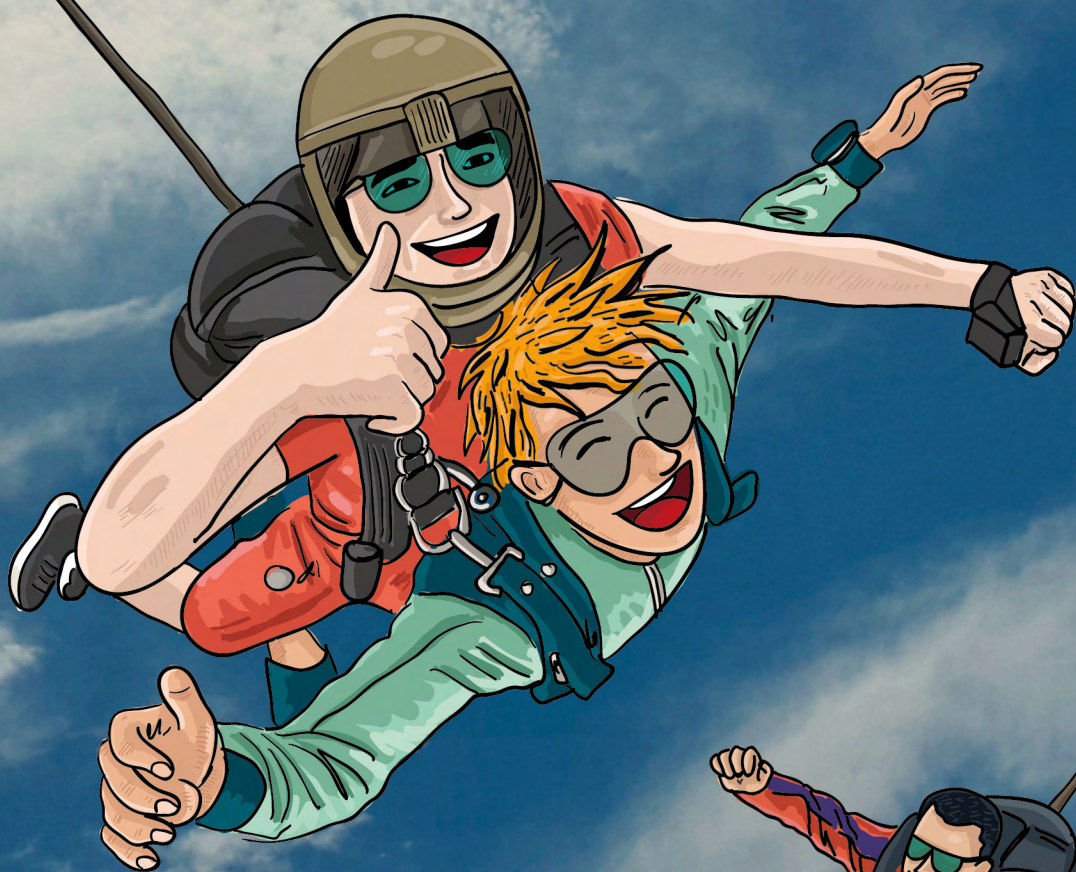
C) Pagar o quê?

O montante pago pelo devedor à instituição de crédito com a qual celebrou o contrato é superior ao valor do empréstimo: além do reembolso da totalidade do dinheiro emprestado, há a considerar o **custo do crédito**:

1. _____ : pagamento à instituição de crédito pelo empréstimo concedido, mediante uma taxa previamente acordada.
2. _____ : remuneração da instituição de crédito pelos serviços prestados.
3. _____ para prevenção relativamente a determinado tipo de riscos que possam afetar a capacidade de pagamento do empréstimo.

4.

SEGUROS



PREVER PARA PROVER

Texto de Maria da Conceição Vicente

A tarde estava escura, pardacenta. A chuva descorria lenta pelas vidraças da biblioteca. A uma das mesas, junto à janela, estavam sentados os cinco amigos de sempre. Naquele dia, tudo parecia estar contra. Não bastava a meteorologia ter virado a primavera do avesso, até o trabalho de grupo exigia concentração em dobro: preparação da apresentação oral do episódio da *Tempestade*, canto VI d' "*Os Lusíadas*". Havia tempo que os olhos se perdiam pelas páginas do livro, à espera da ideia certa para o esquema certo, que não desiludisse a professora nem a turma. Subitamente, do silêncio saiu a voz estridente da Márcia:

– Será que, no tempo dos Descobrimentos, se faziam seguros para as naus?

– Que disparate, Márcia! – exclamou a Clara.

– De onde vem essa, agora?

– Então... com toda esta destruição que Camões aqui relata... – justificou a Márcia. – Lembrei-me porque ontem estivemos, lá em casa, a falar sobre a importância dos seguros para as pessoas que são vítimas de acidentes, de catástrofes naturais...

– A pergunta da Márcia tem alguma razão de ser – explicou a Inês. – Eu estive a fazer uma pesquisa, para preparar este trabalho e li que, já em 1380, foi fundada a Companhia das Naus que tinha como objetivo acautelar os prejuízos resultantes dos naufrágios.

– E como é que isso se fazia?

– Os comerciantes marítimos entregavam uma percentagem dos lucros de cada uma das suas viagens a um fundo comum. Se ocorresse um acidente grave ou o navio naufragasse, esse dinheiro era utilizado para pagar os prejuízos ou a perda dos navios. Era já...



– Isso já é parecido com o que se passa agora com os seguros e as seguradoras – interrompeu o Rodrigo.

– ... era já o princípio do **mutualismo**, que está na base dos seguros – continuou a Inês: – seguindo uma **lógica de entreajuda**, as pessoas associam-se com o objetivo de, em conjunto, poderem enfrentar mais facilmente os riscos decorrentes de situações imprevistas.

Entretanto, o Vasco, preso à conversa pela surpresa do assunto, perguntou:

– Mas o que é isso de seguros, que eu não estou a perceber nada? Tem alguma coisa a ver com o nosso trabalho?

– Não, Vasco – respondeu o Rodrigo –, não tem a ver com o nosso trabalho. Foi a Márcia que desviou o assunto, mas eu explico: os seguros são uma forma de **transferência de risco**. Ajudam-nos a prevenir prejuízos que podem resultar de situações imprevistas.

– Transferência de risco? Continuo sem perceber – disse o Vasco.

– Eu explico melhor – propôs a Clara. – O **seguro é um contrato** através do qual alguém transfere para uma seguradora o risco de perdas financeiras que podem resultar de situações imprevistas. Em troca, a pessoa que transfere o risco, ao qual se dá o nome de tomador do seguro, paga a essa seguradora uma determinada quantia. Eu sei, porque já falámos nisso em casa e também aprendemos aqui na escola, no ano passado.

– Um contrato como o de crédito? – perguntou o Vasco, antes que a Clara pudesse continuar:

– Não. Um contrato de seguro é muito diferente de um contrato de crédito.

– No contrato de seguro, a seguradora – continuou o Rodrigo – avalia os riscos que podem resultar de uma determinada situação imprevista e, depois, decide se aceita esses riscos ou não. Se aceitar, obriga-se a pagar os prejuízos que possam resultar dessa situação, de acordo com o que tiver sido estabelecido no contrato.

– E em troca é paga uma quantia à seguradora, é isso? – questionou o Vasco.

– Exato, Vasco – concluiu o Rodrigo. – Essa quantia é o **prémio do seguro**. Em geral, é pago anualmente, mas também pode ser pago em prestações semestrais, trimestrais ou mensais.

– Então o prémio não é estabelecido pela pessoa que faz o seguro? – perguntou o Vasco.

– Claro que não, Vasco! Que ideia a tua! – exclamou a Clara. – Esse valor é determinado pela seguradora, com base no tipo de risco. Normalmente, quanto maior for o risco, maior será o valor do prémio.

– Olha, os meus pais têm um seguro de incêndio para o nosso apartamento. O meu pai diz que é obrigatório – disse a Márcia, que continuou: – Mas explicou-me que, como quis proteger a nossa casa de outros imprevistos, contratou um seguro com mais coberturas e que, por isso, ficou mais caro.

– O que é isso de coberturas? – questionou o Vasco.

– A **cobertura** é o conjunto de situações que, caso ocorram, vão acionar o contrato. No caso do seguro que os meus pais contrataram para o nosso apartamento, para além da cobertura de incêndio, o seguro tem outras coberturas como inundações, tempestades e até furto – explicou a Márcia.

– Então a tua casa está protegida contra tudo! – comentou o Vasco.

– Apenas está protegida relativamente às situações previstas no contrato. Os meus pais dizem que os seguros não protegem contra todos os riscos e que, por isso, **é muito importante sabermos bem o que contratamos**. – explicou a Márcia.

– Mas como é que os teus pais se lembram de todas as coberturas que contrataram? – perguntou o Vasco.

– A seguradora teve de lhes entregar um documento que contém informação acerca dessas coberturas. É a **apólice de seguro**.

– Os meus pais fizeram há pouco um seguro para o meu telemóvel novo – acrescentou a Inês.

– Mas também é obrigatório fazer um seguro para o telemóvel? – perguntou o Vasco.

– Não. O seguro para o telemóvel é facultati-

vo. Só fazemos se quisermos, mas os meus pais acharam que era melhor prevenir despesas com algum acidente.

– Mas então porque é que o seguro de incêndio é obrigatório? – perguntou o Vasco.

– Porque é imposto por lei. Quando fomos viver para o nosso apartamento, ouvi o meu pai dizer que tinha de enviar o comprovativo do seguro ao condomínio.

– Então... há seguros que são obrigatórios... – comentou o Vasco, quase em surdina, como quem fala de si para si.

– Pois há – confirmou o Rodrigo. – Podemos fazer uma pesquisa para vermos exemplos.

Foi só voltarem as cadeiras para trás, para ficarem frente a uma mesa com computador. Com dois *clicks*, o Rodrigo encontrou uma página com exemplos, que todos registaram.

SEGUROS OBRIGATÓRIOS

- **seguro automóvel¹**
- **seguro de incêndio²**
- **seguro de acidentes de trabalho**

– Mas também há seguros facultativos: só fazemos se quisermos – disse a Inês.

– Claro! – confirmou o Rodrigo. – Como o que os teus pais fizeram para o telemóvel. E aqui também estão outros exemplos.

SEGUROS FACULTATIVOS:

- **seguro multirriscos habitação**
- **seguro de saúde**
- **seguro de responsabilidade civil familiar³**
- **seguro de saúde animal doméstico, etc.**

– E os seguros só protegem coisas materiais? – perguntou o Vasco.

– Ó Vasco, pensa! Hoje estás um bocadinho lento – comentou a Márcia.

– Olha para a lista que temos aqui, Vasco – ordenou o Rodrigo, apontando-lhe o ecrã do computador, para exemplificar: – seguro de saúde, seguro de vida... são seguros para pessoas...

– Até há seguros para o cão... – interrompeu o Tomás, que acabara de chegar junto do grupo, e só ouvira a última frase.

– Pronto! Chegou este e já estamos a desconversar – comentou a Clara, que continuou: – Não lhe liguês, Vasco. Há seguros para os animais domésticos que podem cobrir as despesas de saúde do nosso animal de estimação e também os estragos que ele provoque com as suas travessuras!

Entretanto, o Rodrigo olhou o relógio e apercebeu-se de que os minutos tinham fugido e o trabalho de grupo continuava no ponto zero:

– Então, malta! Eu sei que não se está bem lá fora, mas também passar aqui a tarde a contas com uma tempestade!...

– Tens razão! – exclamou o Vasco. – Ponto final na conversa dos seguros. Já estou esclarecido.

– E a propósito – disse a Márcia, com ar de seriedade falsa: – Será que Camões tinha seguro de acidentes pessoais, quando naufragou e salvou “*Os Lusíadas*” a nado?

As gargalhadas quase abafaram a resposta e provocaram o olhar de reprimenda da funcionária da biblioteca.

– Ó Márcia, tu não tens cura! Eu acho que temos de sanear-te do grupo, ou hoje não fazemos nada – comentou o Rodrigo.

O grupo continuou a rir à socapa, só o Tomás não conseguiu abafar as gargalhadas. Se o trabalho foi acabado? Não sabemos. Mas que o Vasco ficou esclarecido acerca do funcionamento dos seguros, podemos afirmar que sim.

¹ Seguro de responsabilidade civil automóvel.

² O seguro de incêndio é obrigatório para os prédios em propriedade horizontal (apartamentos).

³ O seguro de responsabilidade civil cobre o risco de virmos a ter de pagar os prejuízos causados a outras pessoas.

PARAR PARA PENSAR

1. A partir da informação recolhida no texto, regista a definição dos termos seguintes:

A. seguro: _____

B. seguradora: _____

C. tomador do seguro: _____

D. apólice: _____

E. prémio: _____

2. O conceito de seguro tem como fundamento a ideia de mutualismo, que consiste em:

(Assinala a opção correta.)

☐ A) ultrapassar, em grupo, situações previsíveis.

☐ B) evitar situações imprevistas, associando-se em grupo.

☐ C) os elementos de um grupo assumirem o compromisso de se ajudarem mutuamente, em caso de necessidade.

☐ D) um dos elementos de um grupo se responsabilizar pelos prejuízos causados por situações de risco.

3. Para perceber melhor o conceito de **risco**, o Vasco consultou o dicionário. Observa os significados que registou:

1. traço feito numa superfície; linha

2. sulco; traçado

3. delineamento; plano; modelo

4. possibilidade de um acontecimento futuro e incerto¹

3.1. Sublinha o significado que se relaciona com o conceito de **seguro**.

4. Dos diferentes tipos de seguros mencionados no texto, indica:

A) aqueles que se destinam à proteção de pessoas.

B) aqueles que se destinam à proteção de bens.

5. A lei obriga a que se contratem determinados seguros. Contudo, existem muitos outros cuja contratação depende da nossa vontade.

5.1. Dá exemplos de:

A) um seguro obrigatório.

B) um seguro facultativo.

5.2. Das situações abaixo apresentadas, assinala aquelas que devem estar cobertas por um seguro obrigatório.

☐ A) Houve um incêndio na cave do prédio onde mora o Rodrigo.

☐ B) A empregada doméstica dos avós da Clara partiu um pulso, durante o trabalho.

☐ C) O pai do Vasco partiu os óculos e teve de substituí-los.

☐ D) Um curto-circuito danificou a instalação elétrica na moradia da Márcia.

☐ E) A Inês partiu uma caixa de copos, quando fazia compras com a mãe no supermercado.

☐ F) O professor José Vaz bateu com o seu carro num outro, enquanto estacionava.

¹ Infopédia – Dicionário Porto Editora online

☐ G. O cão da Clara partiu uma pata e foi levado à clínica veterinária.

☐ H. O pai da Clara partiu um braço, num acidente de trabalho.

S. O prémio é o valor total que o tomador do seguro paga à seguradora pela transferência do risco. O valor do prémio depende do risco coberto pelo seguro. Assim:

(Assinala a opção correta.)

☐ A) O prémio só é pago se ocorrer a situação de risco.

☐ B) Quanto maior for o risco, tanto maior será o prémio do seguro.

☐ C) O prémio é calculado em função do número de prestações.

☐ D) O valor do prémio é decidido pelo tomador do seguro.

7. O Vasco refere que a casa dos pais da Márcia "[...] está protegida contra tudo!" Concordas com o Vasco? Justifica a tua resposta.

8. Conversa com os teus pais para conheceres situações imprevistas em que a tua família se tenha visto envolvida e que pudessem ter sido cobertas pelos seguros seguintes:

A) Seguro de saúde:

B) Seguro automóvel:

C) Seguro da casa (multirriscos habitação):

D) Seguro de responsabilidade civil familiar:

E) Seguro de saúde animal doméstico:

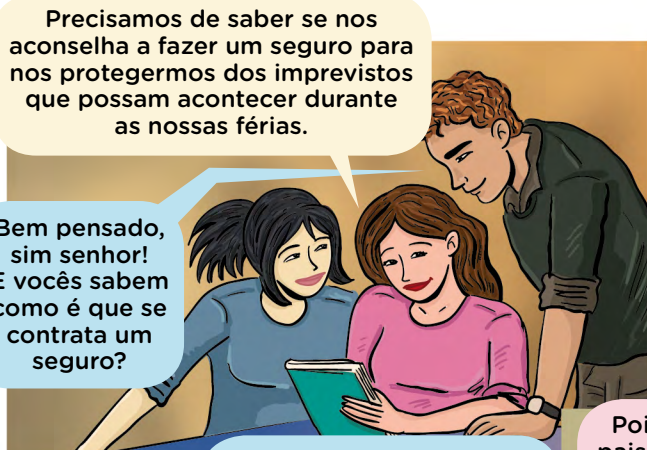
MESA-REDONDA

Terminado o trabalho na biblioteca, os seis amigos decidiram lanchar juntos no bar da escola. Os preparativos para o acampamento de férias trouxeram, de novo, o tema dos seguros à conversa.



Entretanto, entra na sala o professor José Vaz.





Precisamos de saber se nos aconselha a fazer um seguro para nos protegermos dos imprevistos que possam acontecer durante as nossas férias.

Bem pensado, sim senhor! E vocês sabem como é que se contrata um seguro?



Os meus pais já me ensinaram que, antes de fazermos o seguro, temos de decidir quais as coberturas que queremos, porque só assim podemos escolher o produto mais adequado às nossas necessidades.



E não só. Há ainda que considerar a aplicação de franquias, a existência de períodos de carência...

O que é isso, professor?

A franquia é a parte do valor dos danos que fica a cargo do tomador do seguro, em caso de sinistro.



Pois! Eu recordo-me de os meus pais falarem nisso, quando fizeram o seguro do apartamento. E sei que eles ponderaram tudo muito bem, para não pagarem um prémio demasiado elevado.



Claro! Quanto maior for a parte dos danos assumidos pelo tomador do seguro menor será o valor do prémio. Por isso, quando fazemos um seguro, temos de considerar o seu impacto no orçamento familiar, quer ao nível do valor do prémio quer no que diz respeito às franquias que tenhamos contratado.



Então e o que é isso do período de carência?

É o tempo que decorre entre o início do contrato e uma determinada data, durante o qual certas coberturas podem ainda não se encontrar a produzir efeito.



Então durante esse período não se pode usar o seguro?

Durante esse período não podemos usar as coberturas às quais sejam aplicados os períodos de carência.



E esses períodos de carência duram quanto tempo?

Isso depende do que for combinado com a seguradora.

Então temos de estar atentos ao que diz o contrato, para não haver surpresas...

Mas, afinal, estamos aqui com toda esta conversa e o melhor que temos a fazer é consultar diretamente uma seguradora ou um mediador de seguros.



Seguradora sabemos o que é, mas mediador... o que é isso?

É uma pessoa cuja profissão consiste em fazer a ligação - ser intermediário -, entre a seguradora e o cliente.

Tudo muito bem, mas o que é que ele faz concretamente?



Apresenta as propostas de seguros aos clientes, auxilia na preparação dos contratos...

Só isso?

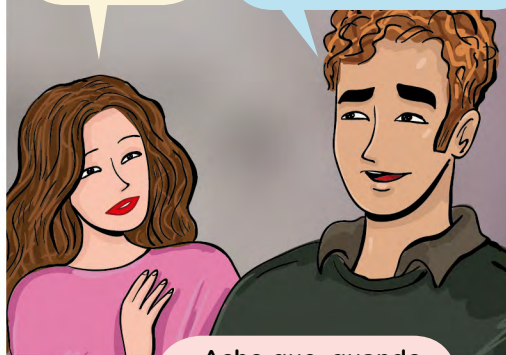
Se tiver poderes para isso, até pode ser ele a celebrar o contrato com o cliente.



Então é um contratador.

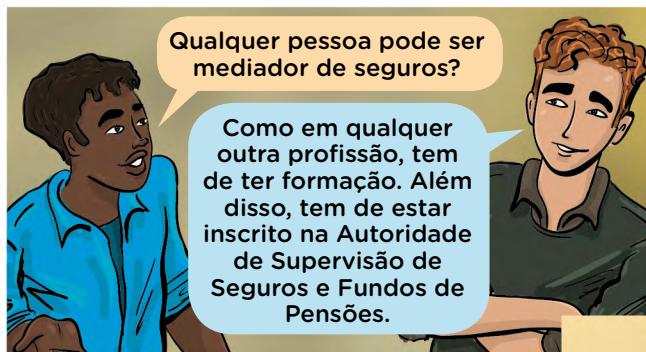
Não só. Também vai prestando apoio aos clientes, sobretudo quando as tais situações de risco passam de hipótese a realidade, e é necessário acionar o seguro.

E trabalha para uma seguradora?



Há diferentes modalidades. Pode trabalhar de forma independente ou por conta de uma ou mais seguradoras.

Qualquer pessoa pode ser mediador de seguros?



Como em qualquer outra profissão, tem de ter formação. Além disso, tem de estar inscrito na Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões.

Acho que, quando for grande, quero ser mediador de seguros...



Acho muito bem! Olha, até podes começar por tratar do nosso seguro e já te serve de pré-estágio profissional!



Fica descansada, Clara. O meu estágio vai começar...



1. Tendo por base aquilo que aprendeste na Mesa-Redonda, indica as funções que competem a cada um dos intervenientes na preparação e realização do contrato de seguro, escrevendo o número adequado junto de cada frase.

1 Empresa de seguros (seguradora).

2 Mediador de seguros.

3 Tomador do seguro.

☐ Avalia o risco.

☐ Assume a cobertura dos riscos, de acordo com o previsto no contrato.

☐ Apoia na elaboração do contrato, não assumindo em seu próprio nome a cobertura de riscos.

☐ Pode celebrar o contrato em nome da seguradora.

☐ Compromete-se ao pagamento do prémio de seguro.

☐ Transmite à seguradora todas as informações que o tomador do seguro solicite.

☐ Emite a apólice de seguro.

☐ É responsável por prestar informações verdadeiras que permitam avaliar corretamente o risco.

2. Quando se faz um seguro, é necessário prestar muita atenção ao conteúdo do contrato. De acordo com a informação apresentada nos textos acima, completa a lista dos aspetos fundamentais a considerar e respetivas definições.

A) Cobertura: _____

B) Capital do seguro: valor máximo pago pela seguradora, em caso de sinistro, mesmo que o prejuízo seja superior.

C) _____ : período entre a celebração do contrato e uma determinada data a partir da qual algumas coberturas passam a produzir efeitos, isto é, podem ser utilizadas.

D) Franquia: _____

3. Além de depender da cobertura do risco, o prémio do seguro depende também da franquia contratada. Assinala, então, a opção correta.

☐ **A)** Se os danos forem assumidos na totalidade pela seguradora, o prémio será menor.

☐ **B)** Os danos devem ser sempre assumidos pela seguradora na sua totalidade.

☐ **C)** O valor do prémio equivale a uma percentagem fixa do valor do risco.

☐ **D)** Quanto maior for a parte dos danos a cargo do tomador do seguro, menor será o valor do prémio de seguro.

RECORTES DE IMPRENSA

1. Lê com atenção o texto seguinte, prestando atenção às passagens que destacámos:

COMO ESCOLHER UM SEGURO DE SAÚDE

$$\left[\begin{array}{c} \vdots \end{array} \right]$$

Ainda que se refira a um âmbito sensível como a saúde, o seguro é um contrato. O consumidor compromete-se a pagar um prêmio e, em troca, a seguradora fará face a despesas que venham a ocorrer em situações de doença ou acidente. **A oferta de seguros de saúde é variada e também as características de cada produto são muito diferentes.** Escolha aquele que melhor se adequa às suas necessidades e também ao seu bolso.

Há muitos cuidados que deve ter antes da contratação do seguro e também durante a vigência do contrato. **Dê atenção a todas as características, nomeadamente as coberturas, exclusões, franquias e períodos de carência.** Deve optar pelo produto que melhor satisfaz as suas necessidades, não esquecendo o prêmio que está disposto a pagar. Tipicamente, a cobertura base dos seguros de saúde comercializados em Portugal diz respeito a internamento hospitalar e ambulatório, ou consultas de especialidade. Além destas, há um conjunto de coberturas complementares. [...]

Tão importantes como as coberturas são as exclusões. Isto porque, muitas vezes, não estão abrangidas pelos seguros doenças existentes à data da subscrição, despesas com acidentes e doenças profissionais, tratamentos psicológicos, despesas resultantes de atos intencionais, entre outras.

Raquel GODINHO, “*Como escolher um seguro de saúde*”, in *Jornal de Negócios*, 31-10-2013
(excerto com supressões)

1.1. Escreve um pequeno comentário ao excerto do artigo que acabaste de ler.

PISTAS:

1. Identifica o tema.
2. Refere a função desempenhada pelos seguros de saúde.
3. Com base naquilo que aprendeste, dá a tua opinião acerca da importância de, antes da contratação de um seguro de saúde, conhecer todas as suas características.

(Podes recorrer à tua própria experiência.)



BLOCO DE NOTAS

Toma nota do que aprendeste, registrando a resposta às questões seguintes:

A) Fazer um seguro para quê?

Os seguros têm por objetivo _____

B) Quero fazer um seguro. Quem devo contactar?

c) Os seguros são todos facultativos?

D) Que fatores podem influenciar o cálculo do prêmio do seguro?

5.

SISTEMA FINANCEIRO



DINHEIRO EM CAIXA

Texto de Maria da Conceição Vicente

As férias estavam próximas. As ideias atropelavam-se, inquietas, misturando testes, provas finais e preparativos para o acampamento.

“Malta, concentração e estudo! Estamos quase a cortar a meta!”, recomendavam os professores; “Meninos, sem resultados que se vejam, não há férias!”, lembravam os pais; “Quem me dera as férias!”, corrente de pensamento que atravessava o grupo.

Os manos Moedas tinham dedicado a tarde ao estudo e o Tomás aproveitava para esclarecer umas dúvidas de Matemática com a irmã.

– Meus queridos filhos, intervalo para lanche. Quem estuda precisa de se alimentar! – era a mãe

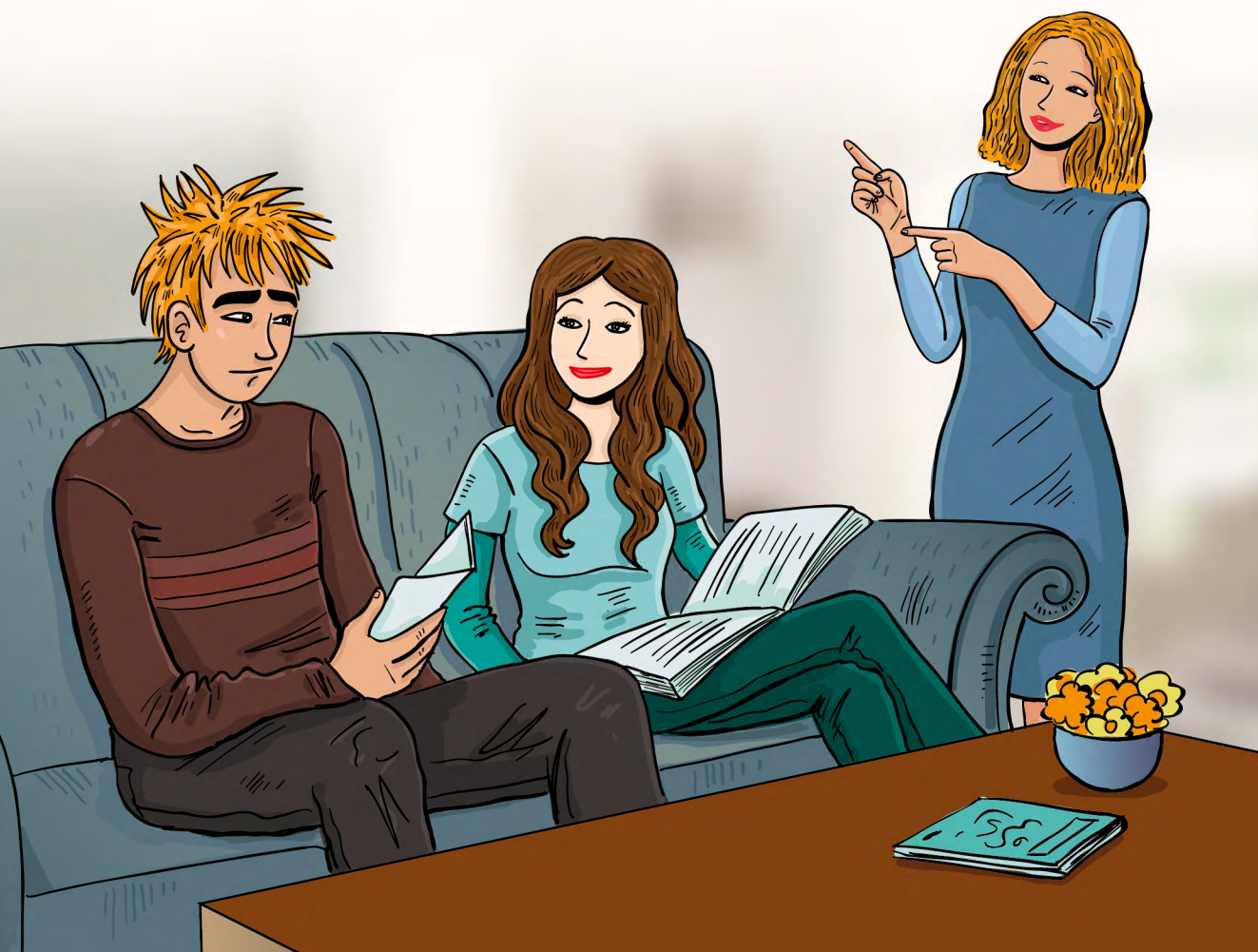
Catarina que os convidava a fazer uma interrupção, como mandam as boas regras de estudo.

– Ainda bem que chamaste, mãe, porque eu queria falar contigo umas cenas – disse o Tomás.

– Umas cenas?! Então, temos filme, pela certa! – respondeu em tom de brincadeira a mãe Catarina, já habituada às ideias um tanto extravagantes do Tomás.

– É mais um conselho... – continuou o Tomás. – Tu achas que eu podia tentar trocar o meu par de patins em linha, que quase não uso, por um fato de surf?

– Voltaste à pré-história, Tomás, ao tempo da compra de bens por troca direta? – interrompeu a Clara. – No estado em que estão os teus patins,



precisavas de uns três pares para trocar por um fato de *surf* minimamente aceitável.

– E precisavas de encontrar alguém que quisesse fazer a troca – continuou a mãe. – Para se fazer uma compra por troca direta é preciso uma dupla coincidência de vontades.

– Ó Tomás, tu tens é de contar o dinheiro que tens no mealheiro e ver se chega para comprar o fato – disse a Clara. – Sim, se bem te lembras, uma das funções da moeda é estabelecer um valor para cada produto. Funciona como unidade de valor! Lembras-te?

– Eu acho que tu vais é ter de pedir ao pai ou ao avô que te deem o dinheiro, ou então vais para a praia sem fato – concluiu a mãe.

– Mas não foi isso que combinámos! – reclamou a Clara.

– Eu não queria abrir o meu mealheiro – disse o Tomás, quase em surdina.

– Estás a ver isto, mãe? – continuou a Clara –, o meu irmão só aprendeu uma das funções da moeda, aquela que lhe interessa: **reserva de valor**.

Entretanto, chegou o pai Rui, que ainda escutou as últimas falas e decidiu animar a conversa:

– Então quem é que aqui não quer abrir o mealheiro e prefere entrar no bolso do pai?

– Não é nada disso, pai. Eu nem sequer pensei em pedir-te dinheiro. Só que também não queria abrir o mealheiro... porque, se não utilizasse o dinheiro para as férias, podia juntar para comprar um *tablet*. Mas isso é segredo... ou era segredo até este momento.

– Muito bem! Concorde – respondeu o pai Rui.

– Achas que consigo, pai? – perguntou o Tomás.

– Conseguir, consegues, só que vais demorar uns anitos... – disse a Clara, em tom de brincadeira.

– Consegues, Tomás – rematou o pai. – Se quiseres comprar um *tablet* com alguma qualidade, pode demorar um tempinho, mas não faz mal porque a **inflação** está controlada.

– E o que é isso, pai? É uma coisa muito complicada? Eu de certeza que percebo, já o Tomás...

– continuou a Clara, desafiando o irmão, que só não deu troco, porque estava mais interessado nas explicações do pai.

– A inflação é a subida generalizada de preços – explicou o pai.

– Então explica lá isso para gente do nosso tamanho – pediu o Tomás.

– Quando decides começar a poupar para comprar um *tablet*, é natural que a primeira coisa que faças é decidir que *tablet* vais comprar e qual o seu preço. Ora, quando há **estabilidade** de preços, o nosso dinheiro mantém o valor, por isso, tu sabes que daqui a um ano, dois ou mais, quando juntares a quantia necessária, o preço do *tablet* será muito semelhante ao preço que tem hoje. Bastará, então, comparares preços para verificares onde compras mais barato. Se a inflação não estivesse controlada, o preço do *tablet* poderia subir muito todos os anos, de tal maneira que irias demorar muito mais tempo a juntar o dinheiro, ou até desistirias de comprá-lo.

– Mas isso não aconteceria só com os *tablets*, pois não, pai? – perguntou a Clara.

– Não – respondeu o pai. – Fala-se em inflação quando a subida de preços é generalizada, isto é, quando o preço da maioria dos bens sobe. Considera-se que a inflação está controlada e que há estabilidade de preços quando o aumento médio dos preços num ano é inferior a 2%.

– E quem é que controla a inflação? – perguntou o Tomás.

– É o Banco Central Europeu (BCE) juntamente com os bancos centrais dos países que aderiram ao euro.

– E como é que fazem isso?

– Controlando as taxas de juro que, como sabem, representam o “custo” de pedir dinheiro emprestado. Se o BCE aumentar as taxas de juro, torna-se mais caro pedir dinheiro emprestado.

– Sim. O professor Vaz explicou-nos isso... – lembrou a Clara –, mas por que razão é que o BCE faria isso?

– Precisamente para não permitir que a inflação aumente. Para garantir que existe estabilidade de preços e que o euro não perde o seu valor.

– Como assim? O euro perde valor? – perguntou o Tomás.

– Claro! Quando os preços aumentam, a quantidade de bens que conseguimos comprar com a mesma quantidade de dinheiro é menor. Por isso, as nossas poupanças perdem valor.

– Mas se fizermos um depósito podemos receber juros e aumentar a nossa poupança, certo? – perguntou o Tomás.

– Certo – respondeu o pai. – Mas atenção que a taxa de juro que recebemos num depósito é uma taxa nominal. Se fizermos um depósito de 1.000€ com uma taxa de 2%, por exemplo, no final do ano recebemos 20€ de juros. Porém, não nos podemos esquecer de que, se os preços aumentarem 1% durante o ano, no final desse ano já não vamos conseguir comprar a mesma quantidade de bens com o mesmo dinheiro.

– Ganhamos 2% no depósito, mas perdemos 1% com a inflação! – concluiu a Clara.

– A diferença entre a taxa de juro nominal e a taxa de inflação dá-nos aquilo que se designa por taxa de juro real. Representa o verdadeiro aumento do poder de compra do dinheiro que

investimos. Neste caso é de apenas 1% – explicou o pai Rui.

Entretanto, a mãe Catarina regressou à sala, mostrando-se surpreendida pela demora da conversa:

– Então, meninos, hoje não se estuda mais? Tomás, afinal... patins ou fato de surf?

– Nem digas nada, mãe. A conversa foi desviada – respondeu o Tomás.

– Estive a falar-lhes de inflação, Catarina – acrescentou o pai Rui.

– Estamos quase formados em finanças! – disseram, em coro, os manos Moedas.

– Até dá para perceber a inflação que vai cá por casa – acrescentou o Tomás: – o bolo de chocolate da mãe não para de subir de preço. Os meus miminhos já não chegam para “comprá-lo”. Há dias e dias que só nos dá pão integral com manteiga ao lanche.

– Tens cada uma, Tomás! – exclamou a Clara.

– Nem todos os dias são dias de festa para comer bolos, sabes bem disso!

O lanche terminou em boa conversa e o estudo prosseguiu, como convém em tempo de provas.



PARAR PARA PENSAR

1. As três funções da moeda, referidas no texto, são indicadas abaixo. Explica o significado de cada uma.

Unidade de valor: _____

Meio de pagamento: _____

Reserva de valor: _____

2. Completa a frase, assinalando com ☒ a afirmação correta em cada uma das alíneas.

Quando há inflação,

A)

☐

os preços não se alteram.

☐

os preços, na generalidade, sobem regularmente.

☐

os preços tendem a descer.

C)

☐

não é necessário comparar preços.

☐

é mais fácil tomar decisões de compra.

☐

é mais difícil comparar preços.

B)

☐

o dinheiro desvaloriza.

☐

o valor do dinheiro aumenta.

☐

o valor do dinheiro não se altera.

D)

☐

o valor das poupanças aumenta.

☐

as poupanças perdem valor.

☐

o valor das poupanças não é afetado.

3. Completa a afirmação seguinte, selecionando as opções corretas:

Quando há estabilidade de preços, o dinheiro mantém o seu valor, o que é vantajoso para os consumidores, uma vez que

A)

☐

os bens e serviços têm o mesmo preço em qualquer fornecedor.

☐

os preços dos bens e serviços oscilam pouco.

☐

não é necessário comparar preços.

☐

os bens e serviços têm sempre preços baixos.

B)

- ☐ aumenta o poder de compra.
- ☐ diminui o preço dos bens.
- ☐ dificulta as compras por impulso.
- ☐ é mais fácil planear decisões de compra.

C)

- ☐ têm acesso ao crédito com juros mais estáveis e favoráveis.
- ☐ têm dificuldade em aceder ao crédito.
- ☐ pagam juros mais elevados pelos seus empréstimos.
- ☐ não necessitam de recorrer ao crédito.

4. O casal Moedas tem oportunidade de fazer um depósito a prazo de 2.000,00€ das suas poupanças a uma taxa de juro nominal anual de 2%.

4.1. Calcula a taxa de juro real desse depósito num ano em que a taxa de inflação é de 2%.

4.2. Imagina agora que a taxa de inflação desse mesmo ano é de 1,5% e a taxa de juro real de 0,5%. O que representam os 10€ calculados da seguinte forma: $2.000,00\text{€} \times 0,5\% = 10,00\text{€}$?

5. A Clara está a poupar para comprar dois CD, que custam atualmente 10,00 €. Apresentamos-te uma tabela com a evolução do preço destes CD, considerando um contexto de estabilidade de preços (taxas de inflação de 1% a 2%) e uma conjuntura inflacionista (taxas de inflação de 5%, 10% e 30%). Observa.

Taxa de inflação anual	1%	2%	5%	10%	30%
	Preços estáveis		Conjuntura inflacionista		
Daqui a 1 ano	10,10	10,20	10,50	11,00	13,00
Daqui a 2 anos	10,20	10,40	11,03	12,10	16,90
Daqui a 3 anos	10,30	10,61	11,58	13,31	21,97
Daqui a 4 anos	10,41	10,82	12,16	14,64	28,56
Daqui a 5 anos	10,51	11,04	12,76	16,11	37,13
Daqui a 6 anos	10,62	11,26	13,40	17,72	48,27
Daqui a 7 anos	10,72	11,49	14,07	19,49	62,75
Daqui a 8 anos	10,83	11,72	14,77	21,44	81,57
Daqui a 9 anos	10,94	11,95	15,51	23,58	106,04
Daqui a 10 anos	11,05	12,19	16,29	25,94	137,86

5.1. Se a inflação for de 30% ao ano, quanto é que a Clara terá de pagar pelos mesmos CD daqui a três anos? E se os preços se mantiverem estáveis, ou seja, se não ultrapassarem os 2% ao ano?

5.2. Se a Clara poupar 5 euros por ano, daqui a quanto tempo conseguirá comprar os CD, se os preços se mantiverem estáveis?

5.3. Se a inflação anual for de 30%, conseguirá a Clara alguma vez reunir dinheiro suficiente para comprar os mesmos CD, poupando 5 euros por ano? Justifica.

MESA-REDONDA

Os pais e a Clara já estavam à mesa, prontos para jantar, quando entra o Tomás, eufórico, trazendo na mão uma pequena bolsa.

Olhem o que eu encontrei! Achei um tesouro!

Um saco de moedas?!...

Andaste outra vez a mexer na minha gaveta de recordações. Que bisbilhoteiro!

Isso são as moedas que guardámos das nossas viagens, quando percorremos a Europa de mochila e tenda de campismo.

Então vocês viajaram antes do euro?

Ainda éramos solteiros e queríamos conhecer o mundo... O euro só começou a circular em 2002...

...e só em doze países da Europa, entre os quais Portugal. Até aí cada país tinha a sua moeda.

A nossa era o escudo.

Olha um franco suíço!

Esse ainda circula.

Então como é que vocês faziam os pagamentos nos países por onde viajavam?

Cada país, cada moeda: ao passarmos de um país a outro, tínhamos de trocar de moeda.

Como? E como é que sabiam quanto valia um escudo?

Consultávamos uma tabela de taxas de câmbio, que permite converter a moeda nacional nas diferentes moedas estrangeiras.

Basta procurar no jornal, que é a fonte de informação mais rápida...

...ou na *net*, já agora!

Essa tabela, atualizada diariamente e publicada no *síte* do Banco de Portugal, informa-nos acerca da taxa de câmbio: número de unidades de moeda estrangeira que equivale a uma unidade da moeda nacional que, no nosso caso, é o euro.

Depois é só fazer contas e ir ao banco, ou outra instituição financeira, para trocar moeda. *Cambiar* quer dizer *trocar* - lembrem-se!

Mas hoje já não é necessário trocar de moeda. Podemos usar o euro para viajar na Europa!

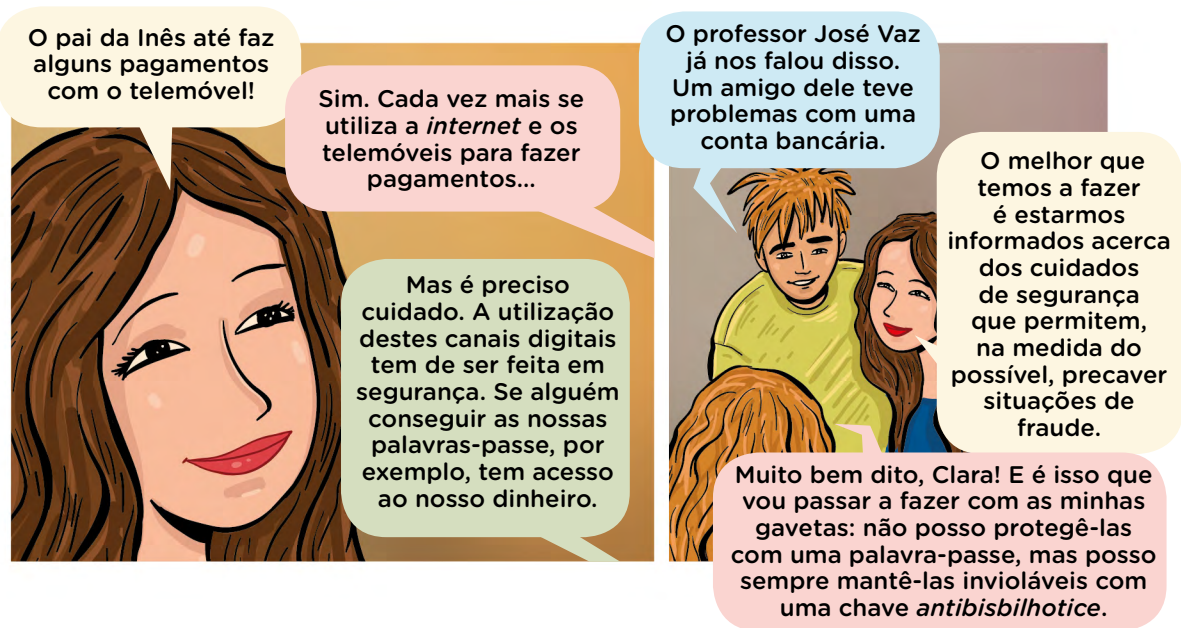
Não é bem assim, Tomás! Como sabem, nem todos os países da União Europeia aderiram ao euro como moeda oficial. A libra inglesa e a coroa sueca, por exemplo, ainda circulam. Se viajarem para a Inglaterra ou para a Suécia têm de trocar dinheiro.

Quando vi todas estas moedas pensei que tinha encontrado o vosso pé-de-meia... Afinal muitas destas moedas já não circulam...

Mas, ó Tomás, hoje ninguém guarda dinheiro em casa!

E eu não sei?... Que falta de sentido de humor, Clara!

A Clara tem razão, Tomás. Hoje em dia as pessoas têm contas bancárias onde depositam o dinheiro, pois existem formas de pagamento alternativas ao uso das notas e moedas, como os cartões de débito e crédito, as transferências, os cheques e os débitos diretos...



1. O Tomás e a Clara ficaram curiosos e procuraram na *net* as taxas de câmbio para aquele dia. Observa quanto vale 1€ em várias moedas estrangeiras.

	Estados Unidos da América	Dólar (USD)	1,1796
	Japão	Iene (JPY)	133,66
	Noruega	Coroa Norueguesa (NOK)	9,8825
	Reino Unido	Libra esterlina (GBP)	0,8825
	Suíça	Franco suíço (CHF)	1,1679
	Brasil	Real (BRL)	3,8654

Banco de Portugal, www.bportugal.pt (consultado em 11-12-2017)

1.1. O Tomás quis saber o valor em euros das três moedas de franco suíço que encontrou no saco. A que resultado terá chegado, considerando a taxa de câmbio daquele dia?

1.2. A Clara tem o sonho de passar um fim de semana em Londres com o irmão e os pais. Considerando que a dormida num hotel custaria 43 £ por pessoa /noite, verifica se 200,00 € seriam suficientes para o pagamento de uma noite para toda a família. (Considera a taxa de câmbio da tabela apresentada em 1.)

2. De acordo com o texto, a Suécia, apesar de ser um país pertencente à União Europeia, não adotou o euro, sendo a sua moeda oficial a coroa sueca (SEK). Indica outros três países pertencentes à União Europeia que não tenham adotado o euro como moeda oficial e diz qual a respetiva moeda.

3. Durante a conversa familiar a que assistimos, falou-se em pagamentos em moeda. Existem, no entanto, outras formas de pagamento, que devemos usar de acordo com o bem ou serviço que necessitamos de pagar.

3.1. Faz a correspondência entre cada uma das formas de pagamento apresentadas no quadro e a respetiva definição e, seguidamente, dá exemplos de bens ou serviço que geralmente são pagos com recurso aos meios de pagamento referidos.

Definição	Forma de pagamento / Bem ou serviço a pagar
1. Notas ou moedas. 2. Operação que consiste em movimentar dinheiro de uma conta para outra. 3. Permite fazer um pagamento periódico, retirando automaticamente o respetivo valor da conta de depósito à ordem, desde que essa operação seja previamente autorizada. 4. Instrumento de pagamento, associado a uma conta de depósito à ordem, que permite pagar bens e serviços em lojas e realizar várias operações através de caixas automáticas (levantamento de dinheiro; transferências; consulta de movimentos; pagamento de serviços). 5. Ordem de pagamento dada ao banco, para que este pague à pessoa ou entidade indicada (beneficiário) o valor nele indicado.	☐ Transferência bancária • _____ • _____ ☐ Numerário • _____ • _____ ☐ Cheque • _____ • _____ ☐ Cartão • _____ • _____ ☐ Débito direto • _____ • _____

4. Com o cartão bancário, o pai Rui fez uma consulta dos movimentos da sua conta de depósito à ordem. Observa o talão que retirou do multibanco:

MB MULTIBANCO ATM		
CONTA: 000000000000	2017/08/20	11:18
CONSULTA DE MOVIMENTOS DE CONTA		
2017/08/20	*CRE	DEP. CHEQUE 100,00 + EURO
2017/08/12	**DEB	COMPRA 45,00 - EURO
2017/08/10	DEB	DEB. ÁGUAS D.R.A. 30,00 - EURO
2017/08/09	DEB	LEVANTAMENTO 40,00 - EURO
2017/08/09	DEB	DEB. COMUNICAÇÕES 45,00 - EURO
2017/08/01	CRE	TRANSF. 1.098,00 + EURO
2017/07/27	DEB	TRANSF. CONDOMÍNIO 20,00 - EURO
2017/07/27	DEB	LEVANTAMENTO 40,00 - EURO
SALDO EM 2017/08/20		1,230,00 EURO
**	THANK YOU	**

* Crédito – dinheiro que entra na conta.

** Débito – dinheiro que sai na conta.

4.1. Completa o texto seguinte, preenchendo os espaços, de acordo com a observação dos movimentos da conta:

Observando os movimentos da conta do pai Rui, verificamos que a água e as comunicações são pagas por _____, mas o pagamento do condomínio foi feito por _____. Além destas, o pai Rui fez outras operações: _____. O ordenado também lhe foi pago por _____. Para verificar o saldo e as entradas e saídas de dinheiro da conta, ele costuma fazer, periodicamente, uma _____.

RECORTES DE IMPRENSA

1. Lê com atenção o texto seguinte, prestando atenção às passagens que destacámos:

CINCO CUIDADOS A TER EM CONTA NAS COMPRAS ONLINE

[...] São cada vez mais as pessoas que fazem compras através da *internet*, ainda que Portugal fique aquém da média europeia. [...] A *internet* pode ser um meio a utilizar, desde que os consumidores tenham alguns cuidados, nomeadamente com a segurança da informação que divulguem. Conheça os cinco cuidados a ter antes de fazer compras pela *internet*.

1. [...] Antes de efetuar uma compra *online*, deve ter a preocupação de se informar adequadamente sobre a entidade à qual vai fazer uma compra. [...] É importante que faça uma pesquisa na *internet*, nomeadamente em fóruns, ou questione algum dos seus amigos, [...] para confirmar se outras pessoas não tiveram problemas. [...] Deve também guardar os contactos da entidade a quem pretende comprar [...].

2. [...] Com o maior número de transações na *internet* [...], é possível que também as atividades de «*phishing*»¹ possam aumentar. [...] Por isso, deve também [...] verificar se o vendedor teve a preocupação de garantir a privacidade dos seus dados. E, além disso, deve limitar ao máximo a informação que divulga, não devendo fornecer dados que não sejam estritamente necessários para a realização da operação.

3. [...] Se possível, deve escolher a opção de pagamento à cobrança, o que lhe vai permitir confirmar se o bem que está a adquirir é exatamente aquilo que pretendia. Não podendo escolher esta forma de pagamento, opte por meios mais seguros. [...] Além disso, quando efetuar o pagamento, deve ter em atenção se no preço final estão incluídas todas as despesas em que vai incorrer, nomeadamente de envio.

4. [...] Deve também ter o cuidado de guardar todas as provas de que efetuou a operação, tendo em conta que o bem pode não chegar nas condições pretendidas, pode chegar atrasado ou pode nem sequer chegar. [...]

5. [...] Tal como nas compras em lojas físicas, também nas transações através da *internet* deve ter a preocupação de fazer uma pesquisa exaustiva

sobre o bem que pretende comprar. Deste modo, poderá assegurar que faz uma boa compra [...].

Raquel GODINHO, “Cinco cuidados a ter nas compras online”, in *Jornal de Negócios*, 12-12-2015 (www.jornaldenegocios.pt) (com supressões e adaptações)

1.1. Escreve, no teu caderno, um pequeno comentário ao excerto jornalístico que acabaste de ler.

PISTAS:

1. Identifica o tema.
2. Refere quais os cuidados a ter antes de efetuares uma compra *online*.
3. Dá a tua opinião acerca da importância do cumprimento das medidas de segurança enumeradas no texto, sublinhando o seu contributo para a prevenção de situações de fraude.

BLOCO DE NOTAS

Toma nota do que aprendeste, completando o registo seguinte.

1. São três as funções da moeda:

_____ ; _____ ; _____ .

2. Além do pagamento em numerário (notas ou moedas), dispomos de outras formas de pagamento: _____ .

3. A Zona Euro é constituída pelos países da União Europeia (UE) que adotaram o _____ como moeda oficial. Nos outros países da UE, bem como nos países não-europeus, circulam outras _____. É possível estabelecer a equivalência de valores entre o euro e as várias moedas, consultando _____ .

4. Ao contrário do que sucede com a _____ (subida generalizada de preços), a _____ gera confiança nos consumidores e nos investidores, uma vez que lhes permite comparar preços e planear a tomada de decisões. A diferença entre a taxa de juro _____ e a taxa de inflação é a taxa de juro _____ , que permite garantir a _____ das poupanças.

¹ “Técnica ou ação destinada a obter dados pessoais de outrem através de meios informáticos, para os utilizar fraudulentamente” (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa). Por exemplo, quando alguém (*hacker*) se faz passar por um banco para persuadir um cliente desse mesmo banco a revelar a palavra-passe, a fim de poder aceder à sua conta bancária.



SOLUÇÕES

PARAR PARA PENSAR (Página 9)

1.

1.1. Trata-se da satisfação de um desejo, uma vez que se trata da aquisição de um bem que não é essencial. (ou equivalente)

1.2. Pensei que já tinha aprendido, Tomás: antes de fazer uma compra é necessário pensar se a podemos, ou devemos, fazer. Uma prancha não é uma necessidade e, além disso, é muito cara. Uma dupla razão para ponderar e não ceder a impulsos. (ou equivalente)

1.3. Querer e ter não são sinónimos, o que significa que não podemos ter tudo aquilo que desejamos. As nossas necessidades deverão ser sempre prioritárias. (ou equivalente)

1.4. Resposta livre.

1.5. As compras por impulso geram despesas que, não tendo sido ponderadas, podem conduzir ao desequilíbrio do orçamento familiar, comprometendo, assim, a satisfação das necessidades básicas da família. (ou equivalente)

2.

2.1. **Despesas necessárias:** almoço na escola; transporte; material escolar; equipamento para as aulas de Educação Física; mochila para substituir a que se rasgou. **Despesas supérfluas:** roupa nova para festa de aniversário; capa de marca para o telemóvel; lanche no café; bilhetes para o cinema; aulas de yoga.

2.2. Resposta livre.

3.

3.1. **C** Consertar o esquentador avariado.; Substituir dois pneus do carro, que estão em mau estado; Vacinar o cão, que acabou de ser adotado. **L** Trocar de carro.; Pintar a casa.; Substituir o sofá da sala.

3.2. Resposta livre.

MESA-REDONDA (Página 10)

TAREFA 1

1.

1.1. 1.098,00 €

1.2. 975,61 €

TAREFA 2

2.1

2.1.1. **DF** Prestação do empréstimo da casa.; Prestação do empréstimo do carro.; Seguros.; Atividades extracurriculares.; Ginásio.; Condomínio.; **DV** Alimentação / supermercado.; Vestuário / calçado.; Transportes.; Telecomunicações.; Água, gás, eletricidade.; Lazer (viagens, livros, cinema...); Semanada da Clara e do Tomás.; Despesas pessoais do pai.; Despesas pessoais da mãe. ;

TAREFA 3

3.1

3.1.1. **A** 1098,00 € **B** 100,00 €; **C** 240,00 €.

3.1.2.

Plano de repartição do saldo orçamental		
Objetivo da poupança	Porcentagem do saldo	Montante do saldo orçamental
Fundo familiar para prevenção de situações de risco.	20,8%	50,00 €
Obras no sótão.	25%	60,00 €
Conta poupança.	54,2%	130,00 €

3.1.3.

A) 20,00 €; **B)** O plano de poupança da família Moedas ficaria comprometido: o saldo seria de tal maneira reduzido que, considerando as outras rubricas do plano de repartição do saldo orçamental (nomeadamente, o fundo familiar para prevenção de situações de risco), a possibilidade de poupança seria mínima ou, mesmo, impossível. (ou equivalente)

TAREFA 4

4.1.

4.1.1. Lazer (viagens, livros, cinema...); Ginásio; Despesas pessoais do pai.; Despesas pessoais da mãe.

4.1.2. Resposta livre.

4.1.3. Alimentação / supermercado. Comportamentos que contribuem para a redução de despesas: comparar preços, entre marcas, pontos de venda ou tipo de produto; evitar o desperdício; optar por uma alimentação equilibrada, sem recurso excessivo a produtos processados, que são, geralmente, mais caros.

4.2. Resposta livre.

RECORTES DE IMPRENSA (Página 14)

1.

1.1. Resposta livre.

BLOCO DE NOTAS (Página 14)

Quatro passos para fazer um orçamento: **1.** receitas, extraordinárias; **2.** despesas, variáveis; **3.** poupança.

A NÃO ESQUECER: **1.** Receitas, saldo.

DO POUPAR VEM O TER Poupança

PARAR PARA PENSAR (Página 19)

1.

1.1.

A) 336,00 €; **B)** 84,00 €; **C)** 75, 00 €; **E)** 30,00 €; **F)** 60,00 €;
TOTAL 600,00 €.

1.2. 10,00 €

2.

Receitas: poupança total da mesada – 480,00 €; resposta livre; resposta livre. (A soma do valor apresentado

para as duas sugestões de resposta livre terá de ser igual a 35€)

Despesas: alimentação – 336,00 €; parque de campismo – 84,00 €; tendas – 75,00 €; candeeiro – 15,00 €; colchões – 30,00 €; sacos-cama – 60,00 €. **Total** (despesas): 600,00 €.

3.

3.1. 3, 5, 4, 2, 1.

4.

A) Idade mínima: “ – Eu também tenho uma conta de depósito a prazo e, tal como a da Inês, só os meus pais a podem movimentar. Nós ainda não temos idade!”; **B)** Prazo: “O meu depósito é anual.”; Remuneração: “E podes levantar o juro, quando se vence, ou deixá-lo ficar a “capitalizar” [...] Assim, o teu dinheiro cresce, cresce, cresce...” ou “[...]quando chega o momento de receber os juros, em vez de os levantar ou de os passar para a conta à ordem, junto-os ao montante inicial, ou seja, o meu dinheiro capitaliza...” ou “Se em vez de os retirarmos, deixarmos ficar os juros na conta a prazo, o nosso dinheiro cresce mais depressa.”; Condições de mobilização antecipada: “Se levantar antes do prazo, perco juros...”.

5. 40,00 €

5.1. 28,80 €

5.2. 40,58 €

6. Plano poupança reforma.

6.1.

A) “Mas, se esse plano de poupança é para ajudar a preparar a reforma dos teus pais, não é para outros fins [...]”; **B)** “Como o plano de poupança reforma tem um objetivo específico, quem levantar o dinheiro antes do prazo previsto pode ser penalizado.”

MESA-REDONDA (Página 21)

1. Como alguns dos produtos financeiros para aplicação da poupança implicam certos riscos, é mais sensato aplicarmos as nossas poupanças, não num único produto, mas em vários (“princípio da diversificação”), de acordo com a análise prévia que devemos fazer sobre as suas características. (ou equivalente)

2. (por ordem) D, B, E, F, C, A.

3.

3.1. (por ordem) F, V, V, F, V, F, F, V, F.

RECORTES DE IMPRENSA (Página 26)

1.

1.1. Resposta livre.

2. 418,70 €

BLOCO DE NOTAS (Página 26)

QUEM POUPA DEVE TER OBJETIVOS: **A)** Prevenir o risco. **B)** Fazer uma compra a longo prazo. **C)** Acumular património. **D)** Poupar para a reforma. (ou equivalente) **A NÃO ESQUECER:** (por ordem) 1. [...] aplicá-las numa conta de depósito a prazo; planos de poupança reforma; ações, obrigações; fundos de investimento; fundos de pensões.

GASTAR COM PESO E MEDIDA Crédito

PARAR PARA PENSAR (Página 31)

1. empresta o dinheiro; se compromete a devolvê-lo; prazo; juros e outros custos.

2.

A) pretendiam comprar uma casa, que é um bem de valor elevado, e, sem recurso ao crédito, não poderiam fazê-lo.

B) quis antecipar a compra de um bem, uma vez que decidiu não esperar até ter dinheiro para efetuá-la. (ou equivalente)

3. Resposta livre.

3.1. Resposta livre.

4. (por ordem) 3, 1, 2.

5.

A) fiança dos pais;

B) a casa comprada.

6.

6.1. O professor José Vaz só contraiu o primeiro crédito depois de ter emprego, isto é, rendimento capaz de satisfazer o pagamento. Além disso, ponderou a relação entre rendimento e despesas (reduzidas, porque estava em casa dos pais). O segundo crédito só foi contraído, depois de pago o primeiro empréstimo. (ou equivalente) **6.2.** Num empréstimo de longo prazo, a família assume responsabilidades por um longo período de tempo, durante o qual a sua capacidade financeira se pode alterar, quer por aumento das despesas quer por redução dos rendimentos. É, por isso, fundamental considerar não só os rendimentos e despesas atuais da família mas também os riscos de, no futuro, vir a acontecer uma diminuição de rendimentos e/ou um aumento de despesas. (ou equivalente)

6.3. Os pais do Vasco depararam-se com uma situação difícil de prever, mas muito grave: a perda de emprego e consequente quebra de rendimento. Esta quebra de rendimento refletiu-se na vida de toda a família: foi necessário ajustar o orçamento familiar de modo a não pôr em causa o pagamento das prestações do crédito. (ou equivalente)

7.

7.1.

A) 30%;

B) 1.120,00 €.

7.2. Professor José Vaz → Prestações: 288,00 €; Rendimento disponível após pagamento de empréstimos: 912,00 €. **Família da Márcia** → Taxa de esforço: 20%; Rendimento disponível após pagamento de empréstimos: 1260,00 €. **Família Moedas** → Rendimento disponível após pagamento de empréstimos: 1.750,00 €.

7.2.1.

A) Falso. Apesar de a taxa de esforço da família Moedas (24%) ser superior à taxa de esforço da família da Márcia (20%), o rendimento disponível da família Moedas após pagamento de empréstimos (1750€) é superior ao rendimento disponível da família da Márcia (1260€). O rendimento disponível após pagamento de prestações é diretamente comparável, uma vez que ambas as fa-

mílias apresentam a mesma composição do agregado familiar (4 elementos). **B)** Falso. Apesar de a taxa de esforço de ambos ser de 24%, o professor Vaz apresenta uma situação financeira melhor do que a da família Moedas, pois o seu rendimento disponível após o pagamento dos empréstimos (912€) destina-se a pagar as despesas de apenas uma pessoa (o professor Vaz). No caso da família Moedas, o rendimento disponível após o pagamento dos empréstimos (1750€) destina-se a um agregado familiar de 4 pessoas, pelo que o rendimento *por pessoa* (438€) é inferior ao do professor Vaz.

7.2.2 Antes de recorrer ao crédito devemos considerar o impacto que o pagamento das prestações futuras terá no orçamento da nossa família. Para isso, devemos calcular a taxa de esforço, que nos indica a percentagem de rendimento que se destina ao pagamento de empréstimos. Mas, para avaliar se esta taxa é adequada, é importante considerar qual o rendimento que fica disponível após o pagamento das prestações de todos os créditos (incluindo o novo crédito) e, ainda, quantas pessoas dependem desse rendimento, ou seja, qual é o rendimento disponível *per capita* (por pessoa).

MESA-REDONDA (Página 33)

1.

1.1. (por ordem) 2, 1, 4, 3.

2.

2.1.

A) débito, crédito;

B) crédito, débito;

C) crédito.

3. (por ordem) V, F, F, V, V.

RECORTES DE IMPRENSA (Página 36)

Resposta livre.

BLOCO DE NOTAS (Página 36)

A)

1. devolver; dinheiro emprestado; juros, comissões e outros custos. (ou equivalente)

B)

1. adquirir um bem de valor elevado, cuja compra seria impossível de outro modo. (ou equivalente)

2. antecipar uma compra. (ou equivalente)

C)

1. juros.

2. comissões.

3. seguros.

PROVER PARA PREVER

Seguros

PARAR PARA PENSAR (Página 41)

1.

A) Seguro é o contrato através do qual a seguradora assume a cobertura de determinados riscos, comprometendo-se a satisfazer as indemnizações ou a pagar o capital seguro em caso de ocorrência do sinistro. Em contrapartida, o tomador do seguro obriga-se a pagar o prémio correspondente.; **B)** Seguradora é a entidade autorizada a exercer a atividade seguradora e que é parte no contrato de seguro.; **C)** Tomador do seguro é a pessoa que celebra o contrato de seguro com a seguradora, sendo responsável pelo pagamento do prémio.; **D)** Apólice é o documento que contém as condições do contrato de seguro.; **E)** Prémio é o valor pago pelo tomador do seguro à seguradora. Geralmente é pago anualmente, mas pode também ser pago em prestações semestrais, trimestrais ou mensais. (ou equivalente)

2.

c. (Na escolha da opção de resposta, deverá ser considerado o facto de o seguro não impedir que as situações imprevistas se verifiquem, mas proteger relativamente às consequências financeiras que resultem das mesmas.)

3.

3.1. possibilidade de um acontecimento futuro e incerto.

4.

A) Seguro de saúde, seguro de vida, seguro de acidentes de trabalho, seguro de acidentes pessoais.; **B)** Seguro automóvel, seguro de incêndio, seguro para o telemóvel, seguro multirriscos habitação, seguro de responsabilidade civil familiar.

5.

5.1.

A) Exemplos de resposta: seguro (de responsabilidade civil) automóvel; seguro de incêndio (apartamento); seguro de acidentes de trabalho.

B) Exemplos de resposta: seguro para telemóvel; seguro de saúde; seguro de vida; seguro de habitação multirriscos; seguro de responsabilidade civil familiar; seguro de saúde para animal doméstico.

5.2. A, B, F, H.

6. B.

7. Resposta livre. (Nota: fazer um seguro não significa que se fica protegido de qualquer imprevisto. Devemos ter sempre em atenção o que está determinado no contrato que celebramos com a seguradora, nomeadamente, as exclusões que dele constem.)

8. Resposta livre.

MESA-REDONDA (Página 42)

1. (de cima para baixo) 1, 2, 3, 1, 1, 2, 2, 3.

2.

A) Cobertura: conjunto de situações que, caso ocorram, vão acionar o contrato do seguro; C) Período de carência; D) Franquia: parte do valor dos danos que fica a cargo do tomador do seguro, em caso de sinistro.

3. D.

RECORTES DE IMPRENSA (Página 46)

Resposta livre.

BLOCO DE NOTAS (Página 46)

A) Os seguros têm por objetivo proteger-nos dos riscos que podem advir de uma situação imprevista. Apesar de não impedirem que os riscos se verifiquem, os seguros ajudam a minimizar as perdas financeiras que podem resultar da verificação desses riscos.; B) Uma seguradora ou um mediador de seguros.; C) Há seguros que são obrigatórios, de acordo com as leis em vigor: seguro de responsabilidade civil automóvel, seguro de incêndio, seguro de acidentes de trabalho. Os outros, embora facultativos, podem ser de grande utilidade.; D) O prémio é calculado de acordo com a cobertura do risco (se o risco é maior, mais elevado será o valor do prémio e vice-versa) e com a parte do pagamento dos prejuízos que cabe ao segurador e ao tomador do seguro (se o segurador assumir o pagamento total, o prémio será maior do que no caso de assumir apenas a parte contratada do pagamento dos prejuízos). (ou equivalente)

DINHEIRO EM CAIXA

Sistema financeiro

PARAR PARA PENSAR (Página 51)

1. **Unidade de valor:** a moeda permite “medir” o valor de todos os bens, isto é, estabelecer-lhes um preço. **Meio de pagamento:** a moeda pode ser utilizada para comprar qualquer bem ou serviço. **Reserva de valor:** como a moeda mantém o seu valor ao longo do tempo, pode ser guardada para fazer compras no futuro. (ou equivalente)

2.

A) os preços, na generalidade, sobem regularmente.; B) o dinheiro desvaloriza.; C) é mais difícil comparar preços.; D) as poupanças perdem valor.

3.

A) os preços dos bens e serviços oscilam pouco.; B) é mais fácil planejar decisões de compra.; C) têm acesso ao crédito com juros mais estáveis e favoráveis.

4.

4.1. $2\% - 2\% = 0\%$; A taxa de juro real seria de 0%.

4.2. Estes 10,00€ indicam o rendimento obtido pelo depósito, em termos reais, ao fim de um ano.

5.

5.1. Com inflação a 30%, o preço será de 21,97€. Com inflação a 1-2%, o preço será entre 10,30€ a 10,61€.

5.2. A Clara conseguirá comprar os livros daqui a 3 anos, uma vez que terá 15,00€ e o preço dos livros será inferior a 10,61€.

5.3. Não. Terá de poupar mais dinheiro por ano, porque o aumento de preços é muito rápido.

MESA-REDONDA (Página 53)

1.

1.1. $1\text{€} \rightarrow 1,1679 \text{ CHF} / X \rightarrow 3 \text{ CHF} = 2,57 \text{ €}$

1.2. $(1\text{€} \rightarrow 0,8825 \text{ GBP} / 200,00\text{€} \rightarrow X = 176,50\text{€})$

200,00 € (176,50 £) seriam suficientes para o pagamento do hotel, uma vez que o preço de uma noite para os quatro elementos da família seria de 172 £ ($4 \times 43 \text{ £} = 172 \text{ £}$).

2. Por exemplo: Dinamarca – coroa dinamarquesa; República Checa – coroa checa e Hungria – florint húngaro.

3.

3.1. (por ordem) 2, 1, 5, 4, 3. Resposta livre.

4.

4.1. Por ordem: débito direto; transferência bancária; depósito, compra, levantamento; transferência bancária; consulta de movimentos de conta.

RECORTES DE IMPRENSA (Página 58)

Resposta livre.

BLOCO DE NOTAS (Página 58)

1. Meio de pagamento; unidade de valor; reserva de valor.

2. Cheque, cartão bancário, transferência bancária, débito direto.

3. Por ordem: euro, moedas, a taxa de câmbio.

4. Por ordem: inflação, estabilidade de preços, nominal, real, remuneração.

FICHA TÉCNICA

Título

Caderno de Educação Financeira – 3

Autores

Maria da Conceição Vicente

João Manuel Ribeiro

Fedra Santos (Ilustração e Design Gráfico)

J. José Olim (Revisão de Texto)

Edição

Direção-Geral da Educação – Ministério da Educação

Comissão de Coordenação do Plano Nacional de Formação Financeira

Associação Portuguesa de Bancos

Associação Portuguesa de Seguradores

Associação Portuguesa de Fundos de Investimento, Pensões e Patrimónios

Associação de Instituições de Crédito Especializado

Conceção Editorial

Editora Trinta Por Uma Linha



TRINTA POR UMA LINHA

Data

2018

ISBN

978-972-742-419-1

ISBN (versão eletrónica)

978-972-742-420-7

Impressão e Acabamento

Gráfica Vilar do Pinheiro

Tiragem

5.000 Exemplares

O Caderno de Educação Financeira para o 3.º ciclo do ensino básico destina-se a apoiar alunos e professores na abordagem a temas do Referencial de Educação Financeira (REF) e pode ser trabalhado nos diversos contextos curriculares de aprendizagem, no âmbito das disciplinas, em ofertas complementares ou no desenvolvimento de projetos. Os temas do REF são trabalhados de forma criativa e didática, através de cinco histórias protagonizadas por alunos do 3.º ciclo do ensino básico, pelos seus professores e respetivas famílias. As histórias são exploradas através de atividades que procuram explicitar e completar os conhecimentos de natureza financeira, inerentes à narrativa, bem como desenvolver atitudes e comportamentos financeiramente adequados.

A publicação deste Caderno de Educação Financeira, tal como os já publicados para o 1.º e 2.º ciclos do ensino básico, resulta da parceria, no âmbito do Plano Nacional de Formação Financeira, entre o Ministério da Educação (através da Direção-Geral da Educação), os supervisores financeiros (Banco de Portugal, Comissão do Mercado de Valores Mobiliários e Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões) e quatro associações do setor financeiro (Associação Portuguesa de Bancos, Associação Portuguesa de Seguradores, Associação Portuguesa de Fundos de Investimento, Pensões e Patrimónios e Associação de Instituições de Crédito Especializado).

Com esta publicação pretende-se apoiar a educação financeira dos jovens, convictos de que esta lhes permitirá, no futuro, exercer uma cidadania financeira responsável.



ASF
Autoridade de Supervisão
de Seguros e Fundos de Pensões



**BANCO DE
PORTUGAL**
EUROSISTEMA



**GOVERNO DE
PORTUGAL**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



APB ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE BANCOS

aps ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE SEGURADORES

APFIPP
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FUNDOS
DE INVESTIMENTO, PENSÕES E PATRIMÓNIOS

ASFAC
Associação de Instituições
de Crédito Especializado

ISBN 978-972-742-419-1



9 789727 424191